

Militares portugueses ao serviço da ONU e UE



Núcleos no País



Abiul

Travessa das Escolas, 1
3100-012 Abiul – Pombal
Tel: 919 770 934 / 918 946 691
abiul@ligacombatentes.org.pt

Abrantes

Rua do Arceidiago, 16 – 2200-399 Abrantes
Tel: 241 372 885
nucleo.liga.combatentes.abrantes@gmail.com

Alcácer do Sal

Calçada 31 de Janeiro, 10
7580-098 Alcácer do Sal
Tel: 265 081 958 / 968 764 323
alcacer.sal@ligacombatentes.org.pt

Alcobaça

Rua Luís de Camões, 63, r/c - D
2460-014 Alcobaça – Tel: 262 597 616
liga.combatentes@netvisao.pt

Almada

Praça Gil Vicente, 13, 4.º - F
2800-098 Almada – Tel: 212 751 988
almada@ligacombatentes.org.pt

Angra do Heroísmo / Praia da Vitória

Rua Nova, s/n.º - Conceição
9700-132 Angra do Heroísmo
Tel: 295 212 277
angra.heroismo@ligacombatentes.org.pt

Arouca

Rua Dr. António Casimiro Leão Pimentel
(perto do Tribunal) – 4540-132 Arouca
Tel: 256 944 637

Aveiras de Cima

Rua António Amaro dos Santos, 5
2050-075 Aveiras de Cima – Tel: 263 476 796

Aveiro

Rua Eng. Von Halbe, 61, 1.º - C
3800-177 Aveiro – Tel: 234 421 309
aveiro@ligacombatentes.org.pt

Azambuja

Rua Boavista Canada, 20
2050 Azambuja – Tel: 263 403 396

Barreiro

Largo Domingos Dias, 1 - Lavradio
2835-374 Barreiro
ligacombatentesbarreiro@gmail.com

Batalha

Rua Maria Júlia Sales Oliveira Zuquete
Moinho de Vento
Apartado 104 – 2440-901 Batalha
Tel: 244 765 738 lcbtl@sapo.pt
ligacombatentesbtl@sapo.pt

Beja

Rua Infante D. Henrique
(Escola Primária n.º 4) 7800-318 Beja
Tel: 284322320 / 967820093
bejaligadoscombatentes@sapo.pt

Belmonte

Edifício Multiusos – Sala 1
Rua Pedro Álvares Cabral
6250-086 Belmonte – Tel: 935 717 647
combatentesnucleobelmonte@gmail.com

Braga

Bêco do Eirado, 13, 1.º
4710-237 Braga – Tel: 253 216 710
lcombatentes.braga@sapo.pt

Bragança

Edif. Principal – Largo General Sepúlveda
Apartado 76 – 5300-054 Bragança
Tel: 273 326 394 – ligabr@sapo.pt

Caldas da Rainha

Rua do Sacramento, n.º7 - R/c Esq.
2500-182 Caldas da Rainha
TM: 913 534 248/262 843 142
caldas.rainha@ligacombatentes.org.pt

Campo Maior

Rua Fonte Nova, 2 - Estrada Nacional 731
7370-201 Campo Maior
Tel: 268 030 134
campo.maior@ligacombatentes.org.pt

Cantanhede

Largo Pedro Teixeira – Casa dos Bugalhos,
1.º Andar
3060-132 Cantanhede
Tel: 912 800 156 / 913 531 422
cantanhede@ligacombatentes.org.pt

Castelo Branco

Rua de Santa Maria, 104
6000-178 Castelo Branco
Tel: 272 323 757
castelo.branco@ligacombatentes.org.pt

Chaves

Terreiro de Cavalaria, 2
5400-193 Chaves
Tel: 276 402 761 / 910 270 478
chaves@ligacombatentes.org.pt

Coimbra

Rua da Sofia, 136 - 3000-389 Coimbra
Tel/Fax: 239 823 376
coimbra@ligacombatentes.org.pt

Covilhã

Rua Acesso à Estação, Lote 2 - r/c Loja 6
6200-494 Covilhã
Tel e Fax: 275 323 780 / 914 782 026
covilha@ligacombatentes.org.pt

Elvas

Av. 14 de Janeiro - Portas da Esquina, 16 - R/c Esq.
7350-092 Elvas
Tel: 961 863 442
ligacomb.elvas@sapo.pt
ligacombatentes.elvas@gmail.com

Entroncamento

Vila Nova da Barquinha
Rua Eng. Ferreira Mesquita, 1
2330-152 Entroncamento
Tel: 249 719 101
entroncamento@ligacombatentes.org.pt

Espinho

Apartado 7 – FACE (Fórum de Arte e Cultura
de Espinho), Rua 41
Av.ª João de Deus – Sala 35 EC Anta
4501-908 Espinho
Tel: 227 324 799
ligacomb.espinho@sapo.pt

Estremoz

Portas de Sta. Catarina
Prédio Militar 22 – 7100-110 Estremoz
Tel/Fax: 268 322 390
nucleoetz@hotmail.com

Évora

Rua dos Penedos, 10 – 7000-531 Évora
Tel: 266 708 682
evora@ligacombatentes.org.pt

Faro

Rua Dr. José de Matos, 115 - B, r/c
8000-501 Faro
Tel/Fax: 289 873 067
nucleodefaro@gmail.com

Figueira da Foz

Rua Rancho das Cantarinhas, 44, r/c
Buarcos 3080-250 Figueira da Foz
Tel: 233 428 379 ligacomb.fig.foz@sapo.pt

Funchal

Casa do Combatente – Beco do Paiol, 32-A
São Pedro 9000-198 Funchal
Tel: 291 756 391
nfunchal-geral@sapo.pt

Graciosa

(Nova delegação de Angra
do Heroísmo / Praia da Vitória)
Rua do Mercado Municipal
Santa Cruz de Graciosa 9880-373
Tel: 295 732 125

Gouveia

Rua da República, 43
6290-518 Gouveia – Tlm.: 910 133 472
ligacombatentesnucleogouveia@hotmail.com

Guarda

Praça Dr. Francisco Salgado Zenha
6300-694 Guarda – Tel: 271 211 891
nucleodaguarda@gmail.com

Lagoa/Portimão

Rua Alexandre Herculano, 20 , r/c
Apartado 265 – 8400-370 Lagoa
Tel: 282 089 169
lagoa.portimao@ligacombatentes.org.pt

Lagos

Rua Castelo dos Governadores, 60
8600-563 Lagos - Tel: 282 768 309
Fax: 282 086 733 nucleo.lagos@gmail.com

Lamego

Urbanização Vale Flores, Lote 8,
Cave- Esq. – 5100 Lamego
Tel: 254 613 565
lcnlamego@sapo.pt

Leiria

Av. 25 de Abril, Lote 12, r/c - Dto.
2400-265 Leiria - Tel/Fax: 244 001 600
leiria@ligacombatentes.org.pt
leiriliga@gmail.com

Lisboa

Rua João Pereira da Rosa, 18, r/c
1249-032 Lisboa
Tel/Fax: 913 509 035 / 913 508 979
lisboa@ligacombatentes.org.pt

Lixa

Rua dos Bombeiros Voluntários, 63
4615-604 Lixa - Tel: 255 495 280
lixax@ligacombatentes.org.pt

Loulé

Av.ª José da Costa Mealha, 150
8100-501 Loulé
Tel/Fax: 289 413 726
nucleo.loule@gmail.com

Loures

Rua Vasco Santana, 8 - 5.º Esq.
Portela – 2685-245 Loures
loures@ligacombatentes.org.pt

Lourinhã

Delegação do Núcleo de Torres Vedras
Mercado Municipal da Lourinhã
Av.ª Dr. José Catanho Meneses,
30B, 1.º Sala M8 –2530-000 Lourinhã

Macedo de Cavaleiros

Prédio Alameda – Rua da Biblioteca,
8 - 1.º Dto - Escritório n.º 1 e 6
5340-201 Macedo de Cavaleiros
Tel: 278 421 374
nucleo.macedo@gmail.com

Macieira de Cambra

Rua do Souto, 190 - 3730-226 Macieira de Cambra
Tel: 256 284 566
macieira.cambra@ligacombatentes.org.pt

Mafra

Largo dos Combatentes
2640-445 Mafra Tel: 261 092 480
mafra@ligacombatentes.org.pt

Maia

Rua do Paço, 244 – Cidadelha
Santa Maria de Avioso – 4475-658 Maia
Tel/Fax: 229 862 277
nucleoligadoscombatentes.maia@gmail.com

Manteigas

Rua Dr. Pereira de Matos
6260-111 Manteigas
Tel: 275 034 820 – Tlm: 915 750 902
ligacombatentesmanteigas@gmail.com

Marco de Canaveses

Arcadas do Jardim Municipal Adriano José
de Carvalho e Melo - Rua Dr. João Leal
4630-289 Marco de Canaveses
Tel: 255 534 431
combatentesdomarco@gmail.com

Marinha Grande

Rua do Ponto da Boavista, 12
2430-051 Marinha Grande – Tel: 244 096 830
ligamg@sapo.pt; lcmgsecretaria@gmail.com

Matosinhos

Av.ª Rodrigues Vieira, 80 – Araújo (Antiga
Escola Básica 1.º Ciclo do Araújo)
4465-738 Leça do Balio
Tel: 224 901 476 / 929 274 072
nucleomatosinhoscombatentes@gmail.com

Mêda

Av. Gago Coutinho e Sacadura Cabral
Imóvel Conde Ferreira, 1º - 6430-183 Meda
Tlm: 925 674 611
nucleomedacombatentes@gmail.com

Mirandela

Rua da República, 25, 1.º – 5370-347 Mirandela
Tel: 278 990 562
mirandela@ligacombatentes.org.pt

Monção

Rua Dr. Álvares Guerra, 48/52
(Apartado 92)
4950-433 Monção
Tel: 251 652 521 / 915 750 875
ligamoncao@gmail.com

Montargil

Travessa dos Combatentes, 5
7425-141 Montargil – Tel: 242 904 060

Montemor-o-Novo

Rua 5 de Outubro, n.º27 A
7050-355 - Tlm: 913 509 156
ligacombatentes.montemornovo@gmail.com

Montijo

Rua Pocinho das Nascentes, n.º 255
2870-307
Tel: 211 338 247
montijo@ligacombatentes.org.pt

Mora

Rua do Parque, 3 – 7490-244 Mora
Tel: 266 403 247 – Tlm: 938 529 226
mora@ligacombatentes.org.pt

Moura

Largo dos Quartéis, Edifício dos Quartéis, Lote 12
Caixa Postal 3012 – 7860-119 Moura

Oeiras/Cascais

Rua Cândido dos Reis, 216, 1.º
2780-212 Oeiras
Telemóvel: 929 059 248
lcomb_queluz@netcabo.pt
oeiras@ligacombatentes.org.pt

Olhão

Rua 18 de Junho, 251/257
8700-568 Olhão
Tel: 289 722 450
lcombatentes.nolhao@sapo.pt

Oliveira de Azeméis

Rua António Alegria, 223, 1.º
3720-234 Oliveira de Azeméis
Tel / Fax: 256 688 112
ligadoscombatentesoaz@gmail.com

Oliveira do Bairro

Rua António de Oliveira Rocha,
Edifício da Estação da CP
3770-206 Oliveira do Bairro
Tel: 234 296 606
ligacombatentes.ob@gmail.com

Penafiel

Rua Engenheiro Matos, 20
(Antigo Matadouro Municipal)
4560-465 Penafiel
Tel: 255 723 281
penafiel@ligacombatentes.org.pt

Peniche

Espaço Associativo
Rua Marquês de Pombal,
22 – 2520-476 Peniche
Tel: 262 380 073
peniche@ligacombatentes.org.pt

Pico

Estrada Regional, 45
S. Miguel Arcaño
9940-312 São Roque do Pico
Tlm: 919 241 476
pico@ligacombatentes.org.pt

Pinhal Novo

Urbanização Vale Flores (Monte Francisquinho)
2955-409 Pinhal Novo
Tel: 915 753 593
liga.pinhalnovo@gmail.com

Pinhel

Travessa Portão Norte, 2
6400-303 Pinhel
Tlm: 967 397 369
pinhel.ligacombatentes@sapo.pt

Ponta Delgada

Rua José Maria Raposo de Amaral, 22
9500-078 Ponta Delgada
Tels: 296 282 333
liga.combatentes.pdl@gmail.com

Portalegre

Rua 15 de Maio, 3
7300-206 Portalegre
Tel/Fax:245 202 723
Tlm: 913 834 300
portalegre@ligacombatentes.org.pt

Portimão

Delegação do Núcleo Lagoa
Rua Quinta do Bispo, Bloco A
8500-729 Portimão
Tel: 282 415 341
lagoa.portimao@ligacombatentes.org.pt

Porto

Rua da Alegria, 39
4000-041 Porto
Tel: 222 006 101
porto@ligacombatentes.org.pt

Póvoa de Varzim

Apartado 000121
EC – Póvoa de Varzim
4494-909 Póvoa de Varzim
jcostavilaca@sapo.pt

Queluz

Rua Dr. Manuel Arriaga, 64 - A
2745-158 Queluz
Tel: 309 909 324
lcomb_queluz@netcabo.pt

Reguengos de Monsaraz

Rua das Áreas de Baixo, 1- A
7200-285 Reguengos de Monsaraz
Tel: 266 501 478
Telem: 913 534 592
reguengos@ligacombatentes.org.pt

Ribeirão

Rua Dr. José Leite dos Santos, 2
Santa Ana – 4760-726 Ribeirão
Tel: 252 412 147
ribeirao.lcombatentes@sapo.pt

Rio Maior

Rua D. Afonso Henriques, 79 A
2040-273 Rio Maior
Tel/Fax: 243 908 107
rio.maior@ligacombatentes.org.pt

Sabugal

Rua Dr. João Lopes, n.º 7
6320-420 Sabugal
Tel: 914 768 431 - 914 768 450
combatentes.sabugal@gmail.com

Santa Margarida

Rua dos Combatentes, 10 - Aldeia
2250-366 Santa Margarida da Coutada
santa.margarida@ligacombatentes.org.pt

Santarém

Rua Miguel Bombarda, 12
2000-080 Santarém
Tel: 243 324 050
liga.santarem@sapo.pt

São Teotónio

Rua do Comércio, 4
7630-620 São Teotónio
Tlm: 914 272 306
sao.teotonio@ligacombatentes.org.pt

Seixal

Estádio da Medeira,
Praceta Estevão Amaranite – Amora
2845-430 Seixal
Tel: 914 934 991
seixal@ligacombatentes.org.pt

Sesimbra

Travessa Cândido dos Reis, 9, 1.º
2970-789 Sesimbra Tel: 210 867 160
sesimbra@ligacombatentes.org.pt

Setúbal

Rua dos Almocreves, 62, r/c
2900-213 Setúbal
Tel: 265 525 765 / 913 531 745
nucleosetubalc@gmail.com

Sintra

Rua Dr. António José Soares, 2 Portela
2710-423 Sintra
Tlm: 925 663 075
Tel: 219 243 288
nsintralc@sapo.pt

Tarouca

Av. Alexandre Taveira Cardoso, 217
3610-128 Tarouca - Tlm: 939 353 837

Tavira

Rua TCor Melo Antunes, 2, r/c - Dto.
8800-687 Tavira
Tel: 281 401 261Telm: 914 719 477
liga.combatentes.tavira@gmail.com

Tomar

Praceta Dr. Raul Lopes, 1, r/c
2300-446 Tomar
Tel/Fax: 249 313 411
lcnrtomar@sapo.pt
tomar@ligacombatentes.org.pt

Torres Novas

Rua Miguel de Arnide
Prédio Alvorão, 69-A, r/c - C
2350-522 Torres Novas
Tel: 249 822 038
nlictnovas@gmail.com
torres.novas@ligacombatentes.org.pt

Torres Vedras

Rua Cândido dos Reis, 1-A - 1º (Ed. Ex-SMAS)
Apartado 81 - 2560-312 Torres Vedras
Tel: 261 096 496
torres.vedras@ligacombatentes.org.pt

Valença

Rua José Rodrigues
4930 Valença

Valpaços

Terreiro de Cavalaria, 2
5400-193 Chaves - Tel: 276 351 399

Vendas Novas

Rua General Humberto Delgado, 47-C
7080-167 Vendas Novas – Tel: 265 087 654
nvnlc47c@gmail.com
vendas.novas@ligacombatentes.org.pt

Viana do Castelo

Rua de S. Pedro, 39, 1.º
4900-538 Viana do Castelo - Tel: 258 827 705
viana.castelo@ligacombatentes.org.pt

Vila Franca de Xira

Rua da Barroca de Baixo, 9/9-A
2600-112 Vila Franca de Xira
Tel: 263 276 146 / 915 750 540
ligacomb.vfxira@sapo.pt

Vila Meã



5

Dos Símbolos Nacionais à Chama da Pátria

10

CEMGFA Tomada de Posse



12

Combatentes de La Lys Homenagem

16

Conservação das Memórias Trasladação de restos mortais



17

Índia Evocação da invasão

Fundo Liga Solidária Donativos - NIB 0035 0396 0022 0208 9305 8

Do antecedente.....	46.465,98 €
Donativos na Capela do FBS - Outubro de 2017	272,80 €
Joaquim de Jesus Martins.....	100,00 €
Curso de Infantaria 1956/60	100,00 €
José Pereira Pinto.....	30,00 €
Núcleo de Bordeaux	1.340,00 €
Mário Pereira, Mediação de Seguros	96,84 €
Manuel José Rafael Jesus Alves.....	50,00 €
Sócios do Núcleo de Queluz	500,00 €
Maria Lídia Guiomar Lobo Cabral Sacadura.....	80,00 €
Fernando Octávio Ferreira Cosme.....	30,00 €
Sócios do Núcleo de Setúbal em 16-02-2017	16,50 €
Artur Polónio	50,00 €
Donativos na Capela do FBS. em Nov17 e Dez17.....	338,86 €
João Pedro Ferreira de Almeida e Silva	200,00 €
Krypton - Produção de Ideias para comunicação	300,00 €
Núcleo de Oliveira do Bairro	1.000,00 €
Saldo em 12-03-2018	50.964,48 €

NOTA: Devido à extensão dos donativos, a listagem completa encontra-se na página da internet da Liga dos Combatentes em www.ligacombatentes.org.pt

Combatente

Edição n.º 383 - Trimestral
março 2018

Proprietário e Editor:

Liga dos Combatentes
Rua João Pereira da Rosa, 18
1249-032 Lisboa
Tel.: 213 468 245
geral@ligacombatentes.org.pt
NIPC/NIF 500816905

Redação:

Rua João Pereira da Rosa, 18
1249-032 Lisboa

Diretor:

Joaquim Chito Rodrigues

Conselho Editorial:

Direção Central

Diretor Executivo:

Hélder Freire

Redação:

Jorge Henrique Martins

Publicidade:

Elisabette Caboz
Tel.: 21 386 90 41 - 91 774 86 89

Secretariado:

Anabela Rodrigues
anabelarodrigues@ligacombatentes.org.pt

Execução gráfica:

António Porteira e Jorge Martins

Impressão:

Lisgráfica, S.A.
Rua Consiglieri Pedroso, 90
Casal de Sta. Leopoldina
2730-053 Barcarena
Tel: 214 345 444

Expedição:

Translista, Lda.
Rua Miguel Bombarda, 9
Queluz de Baixo 2745-124
Barcarena - Tel: 214 266 886
translista@ip.pt

Tiragem:

50.000 exemplares

Depósito Legal:

210799/04
ISSN – 223 582
ICS – 101 525

Estatuto Editorial:

www.ligacombatentes.org.pt/revista_combatente/estatuto_editorial



Joaquim Chito Rodrigues
General
Presidente da Direção Central

Dos símbolos nacionais à chama da Pátria

Os Símbolos Nacionais portugueses são, nos termos constitucionais, (Artº 11 Nº 1 e 2) a Bandeira Nacional e o Hino Nacional, que é a Portuguesa. Não há outros Símbolos Nacionais.

Há sim, símbolos individuais e colectivos ao longo da História dos povos. Alguns que nos ligam à própria Pátria. A Grande Guerra (GG) de que se evoca agora o centenário, face à tragédia humana que provocou, conduziu em França à Flamme Eternelle, no Arco do Triunfo em 1923; ao Lampadário da Sala do Capítulo na Batalha em 1924, sob a égide da Liga dos Combatentes (LC-GG), bem como noutros países. A designação de Chama da Pátria ter-nos-á chegado do Brasil, em 1938.

A LCGG adoptou então a designação Chama da Pátria para a chama de oliva do Lampadário e de 1950 a 1970, realizou em parceria com o Sporting Clube de Portugal, no dia 9 de abril de cada ano, a Estafeta Chama da Pátria entre a Batalha e Lisboa.

Em 1994, com a inauguração do Monumento aos Combatentes do Ultramar, nele se incorporou uma chama a gaz com o mesmo significado, tendo como entidade responsável e dinamizadora a LC e outras associações. A Chama da Pátria, seja alimentada a azeite de oliva ou a gaz faz parte da vida quase secular da LC e de centenas de milhares de seus membros, ao longo da sua História. Acontece que por razões que seguidamente se descrevem, a título experimental e sem danificar o sistema actual, a Direcção Central da LC decidiu, em complementaridade do actual sistema e englobando este, colocar um sistema de chama ventilada. Surgiram então os comentários de "Pais da Pátria" que sem se informarem das razões e das intenções, utilizaram a escrita e a Internet para denegrir e ofender. Em Democracia insulto não significa diálogo.

O Monumento vai fazer 25 anos. Nun-

ca nenhuma Associação, sem ser a Liga dos Combatentes, contribuiu para a sua manutenção, nem se preocupou com a sua conservação.

Abordemos sucintamente os problemas relativos à manutenção do Monumento, em Belém.

As verbas necessárias à manutenção do Monumento aos Combatentes, em Belém, cifram-se em mais de 150 mil euros.

As obras extraordinárias que se impõem para continuar a manter a sua dignidade dizem respeito a:

- Garantia da legibilidade dos nomes inseridos em 184 lápides com cerca de 52 nomes cada. Obra já iniciada, mas exige dezenas de milhares de euros para o seu termo.

- Garantia da impermeabilização do lago e da envolvente em mármore por forma a impedir o custo do actual gasto exorbitante de água e garantir o nível do actual espelho. Igualmente várias dezenas de milhares de euros.

- Garantia da reparação e beneficiação do actual sistema de iluminação do Monumento que apresenta avarias permanentes e tem conduzido a sistemáticos períodos sem que o Monumento esteja iluminado. Estimativa de custo solicitada à Câmara Municipal de Lisboa, que tem garantido algum apoio.

- Garantia das verbas necessárias à manutenção e aquisição de produtos indispensáveis à purificação permanente do espelho de água.

- Limpeza e beneficiação do Monumento, tendo a última beneficiação realizada há anos, atingido milhares de euros.

- Manutenção da Capela e Memorial ao Combatente do Ultramar.

- Garantia das verbas necessárias para a manutenção permanente da "Chama", cujo sistema de gaz atinge milhares de euros anuais.

Em face do exposto decidiu a Direcção Central (DC) da LC incluir nas interven-

ções a fazer, o estudo da forma de como reduzir os custos do sistema de gaz que sustenta a actual chama. Mantendo o actual sistema para funcionar quando oportuno e encontrar um sistema de simulação que fosse seguro e de reduzidos custos.

Este sistema foi aprovado em reunião da Direcção Central e posto a funcionar a título experimental, garantindo a operacionalidade do anterior sobre o qual aquele foi colocado. Embora com um perfil a que não estamos habituados, podendo ser revisto, é mais seguro, mais económico, mais visível ao perto e ao longe, menos poluente e garante que o outro seja posto a funcionar em dias de cerimónias. Nada foi substituído, ao contrário do que foi, por alguns, difundido.

A chama a gaz ou a chama ventilada são formas de representação de um sentimento profundo.

Os símbolos têm o significado que lhes quisermos atribuir. O sentimento real encontra-se em cada um de nós. E o sentimento de amor à Pátria, seja representado pela chama de azeite de oliveira, seja da chama a gaz ou da chama ventilada, o que nos vai no interior é um sentimento profundo pelo qual jurámos dar a vida se necessário for. A Pátria é simbolicamente representada por um Bandeira de pano a flutuar ao vento.

A Chama da Pátria poderá igualmente ser representada por um pano iluminado flutuando ao vento.

A profundidade simbólica do sentimento patriótico está dentro de nós. Como disse Stephen Hawking: - Inteligência é a capacidade de se adaptar à mudança.

A solução continua em estudo, nomeadamente o encontro de mecenas que desejem apoiar a LC na conservação e manutenção do Monumento e da sua Chama.

A Liga dos Combatentes promove e respeita a História, os símbolos nacionais e os nossos símbolos.



A Perturbação de Stress Pós-Traumático (PSPT) no Contexto da Comemoração dos 100 anos do Fim da Grande Guerra

Com anos após o fim da Grande Guerra (1914-1918), a agora denominada “perturbação ou transtorno de stress pós-traumático” (PSPT), assistiu a uma evolução do seu conceito desde que então viu as suas características descritivas, a dinâmica dos seus processos constitutivos e os seus critérios de diagnóstico serem paulatinamente modificados.

A queda do império Austro-Húngaro e a experiência da Grande Guerra trouxeram a consciência da gravidade da sintomatologia psicológica presente nos combatentes da frente de batalha. O establishment psiquiátrico alemão foi o primeiro a testemunhar, em massa, a gravidade e a quantidade de casos relatados. Neste contexto, duas visões imperavam e debatiam-se: a do neurologista Hermann Oppenheim, defensor da tese do impacto neurológico entre as células do sistema nervoso central após forte experiência traumática, e a do psiquiatra Max Nonne, para quem a sintomatologia dos traumatizados de guerra apresentava uma etiologia psicogénica uma vez que muitos dos combatentes da frente de batalha não

desenvolviam qualquer perturbação, enquanto outros apresentavam afecções típicas desta patologia (Hofer, 2004). O tratamento de eleição era feito com choques eléctricos, mas apesar disto apenas 2% dos combatentes afectados conseguia regressar às frentes de combate. Viena de Áustria assistiu à chegada de perturbados da guerra em massa, estimando-se em cerca de 120 000 os soldados em tratamento para neuroses de guerra. As crenças sobre a masculinidade reflectiam-se nos psiquiatras que tratavam estes homens. Entre muitos outros, Stekel defendia a crença generalizada de que a frente de batalha corrigia e tornava mais fortes os nervos dos combatentes. A diversidade multiétnica entre os soldados do Império Austro-Húngaro complicou este estado de coisas entre os terapeutas: foi atribuída, por psiquiatras como Alexander Plicz ou Erwin Stransky, uma superioridade natural aos soldados germano-austriacos, e uma inferioridade psicopatológica aos soldados eslavos, romenos e judeus: estes passaram a ser caracterizados pelas neuroses de guerra. A dificuldade

de comunicação entre os psiquiatras germano-austriacos e os soldados de diferentes etnias e línguas promoveu as terapias sem uso da palavra tais como a electroterapia e medidas disciplinares como o isolamento forçado, a redução da alimentação e o encarceramento. A electroterapia servia, inclusive, para expor os simuladores que pretendiam escapar ao combate (Hofer, 2004).

Em França, no entanto, a situação não era muito diferente: muitos médicos franceses acreditavam que tanto a ciência e a medicina francesa, quanto o homem francês, saíam revitalizados da guerra (Reid, 2014).

Em Inglaterra, parecia haver mais flexibilidade: o tenente-coronel Charles Myers, antropólogo e psicólogo, da Força Expedicionária Britânica, usa publicamente o termo “shell shock” e reconhece, entre outros, estarem perante um problema sem precedentes na história psiquiátrica. Estabeleceu uma ligação causal entre a explosão dos projecteis e o trauma provocado, embora declarando como impreciso o diagnóstico médico da época. Por seu lado, Rivers (1920), psiquiatra e antropólogo britânico, mostra abertura à influência psicanalítica. Dividiu aquilo que designou por “choque emocional” em neurose de substituição (histeria) e em neurose ansiosa ou de repressão (neurastenia; próxima, embora diferente, daquilo que Freud designou por neurose de angústia). Na primeira incluiu sintomas como paralisias, contracções musculares e anestésias, sob a égide da perda de controlo corporal, e na segunda incluiu a perda de controlo da mente caracterizada por desconforto mental geral, indo desde o mero mal-estar até à sensação de opressão. Para Rivers, estes sintomas constituíam uma solução de compromisso entre o perigo instintivo (reação de luta ou fuga) e o cumprimento do dever, de natureza super-egóica, revelando neste ponto a influência freudiana.

É neste contexto que a intervenção de Freud é solicitada. O tenente Walter Kauders resolve apresentar uma queixa na justiça contra o psiquiatra Wagner-Jauregg por usar electrotera-

pia em soldados acusados de simular neuroses de guerra. Freud comparece à comissão de inquérito na qualidade de perito e, apesar de poupar Wagner-Jauregg, critica fortemente o uso das terapias eléctricas e da ética médica subjacente ao tratamento que os psiquiatras do exército davam aos soldados. Segundo Freud, os neuróticos de guerra - a neurose de guerra é apenas um sub-caso da neurose traumática, portanto não são simuladores, desconhecem afinal a dinâmica dos seus conflitos inconscientes. O mecanismo da neurose traumática (de guerra) está explicado numa Introdução a A Psicanálise e as Neuroses de Guerra (Freud, 1919/1996) e encontra-se sintetizado numa carta de Freud a Jones, de 27/10/1918 (1953/1989) que parece tratar-se afinal de um conflito entre dois ideais do ego, o ideal do ego comum e o ideal do ego bélico construído em tempo de guerra. O ideal do ego bélico caracterizava-se pelo investimento em novos objectos (oficiais superiores e camaradas) enquanto o ideal do ego comum tenta desinvestir as idealizações levadas a cabo pelo ego bélico. Trata-se de um conflito narcísico, o conflito dá-se no interior do ego e não entre o ego e a libido. O ego comum pode ser liquidado pelo novo ego bélico. O ego, na sua totalidade, fica assim ao alcance da neurose traumática. Segundo esta tese, a diferença entre paz e guerra é que na primeira o ego é forte mas surpreendido, na última é preparado mas enfraquecido. Nas neuroses de guerra o perigo vem de fora, da violência externa. Em ambos os casos o ego encontra-se ameaçado.

No seguimento de Freud, psicanalistas como Ferenczi (1916/1992) colocam as neuroses de guerra sob a alçada da histeria de angústia e da histeria de conversão. Nas neuroses de guerra, as fobias (deixar de andar, colocar-se em pé, tremer, etc.) têm por função impedir o surgimento da angústia. Note-se que o soldado com neurose de guerra foi surpreendido pelo trauma causado pelo acidente (rebotamento de obus, etc.): a angústia-sinal, teorizada mais tarde por Freud não o beneficiou, não

houve tempo de a angústia servir de sinal ao excesso de energia que inundaria o aparelho psíquico no momento do trauma. Após o trauma, o soldado perde a confiança em si, recalçando-o. Sempre que o acontecimento traumático ameaça com a intrusão na consciência, o aparelho psíquico produz uma fobia (medo de andar, medo de levantar-se, etc.) que evita qualquer acto que repita a situação original e conseqüentemente, a angústia que lhe presidiu.

De um modo geral, o paradigma

absorver esta problemática no conceito de “Grande Reacção de Stress”, pertencente às Desordens de Personalidade (APA, 1952) que sublinha a prévia vulnerabilidade da pessoa ao acontecimento traumático, ou seja, a uma reacção inadequada face às circunstâncias, sublinhando que este diagnóstico deve apenas aplicar-se a situações de combate, entre outras, como desastres naturais. Continua a problemática da possível confusão entre reacções biológicas (exógenas)



psicanalítico acaba por reflectir-se no DSM I (American Psychiatric Association (APA), 1952) e no DSM II (APA, 1968) através da formulação da denominada série complementar (Freud, 1916/17-1996) na formação das neuroses. Para que se produza uma neurose são necessários dois traumas, um na infância (constituição sexual e experiência infantil), inconsciente, e outro actual (experiência casual do adulto) que o representa. Portanto, a reacção do sujeito aos estímulos que caracterizam o trauma presente na reactivação do trauma do passado é essencial.

O DSM I aparece pela primeira vez em 1952 totalmente organizado em torno do conceito psiquiátrico de «reação», de Adolf Meyer (Wallace & Gach, 2008). Todos os transtornos mentais eram entendidos como reacções particulares às dificuldades impostas pela realidade ao organismo, e o DSM I vai

e reacções psicológicas na determinação do trauma.

O conceito de reacção do sujeito ao ambiente irá depois perder alguma força, embora ainda presente, no paradigma subjacente ao DSM II (APA, 1968). O conceito psicanalítico e os mecanismos psicodinâmicos subjacentes a algumas patologias continuam a atestar a influência psicanalítica no DSM II. Os sintomas eram vistos como reflexo de conflitos subjacentes ou de reacções inadequadas aos problemas da vida em torno das oposições entre neurose e psicose, ordenadas segundo o dualismo entre contacto com a realidade versus perda de contacto com a realidade.

O DSM III (APA, 1980) provoca uma reviravolta paradigmática. Os modelos cognitivo-comportamentais ganham terreno e passam a secundarizar a terminologia psicanalítica sublinhando os processos cognitivos como explicação

alternativa para perturbações como a perturbação de stress pós-traumático. Horowitz (In Cash, 2006) foi um dos psiquiatras que operou uma modificação radical na introdução e compreensão cognitivista da PSPT no contexto do DSM III. Os sujeitos são encarados como processadores activos da informação ambiental tentando processá-la, assimilá-la ou acomodá-la em novas estruturas, esquemas ou modelos do mundo (aquilo que Horowitz designa por "tendência para a completude"). O trauma a ser processado ou integrado é definido entretanto, na desordem de stress pós-traumático, como produzindo um conjunto de sintomas: reexperienciação do acontecimento traumático, embotamento ou redução do envolvimento com o mundo exterior e sintomatologia cognitiva, disfórica ou autonómica, causados por um acontecimento traumático fora do domínio da experiência humana usual (APA, 1980). Os impactos da guerra do Vietname acabaram por evidenciar a sintomatologia inventariada e a nova entidade nosográfica deu entrada no DSM III, pela primeira vez em 1980, passando desde então a ser conhecida por "desordem de stress pós-traumático".

O DSM-IV (APA, 1996) acrescenta o factor subjectivo ao trauma, e marca uma diferença relativamente ao DSM III, na medida em que cada sujeito apresenta diferentes "vulnerabilidades e factores de risco, resiliência e factores protectores que podem ser determinantes para o desenvolvimento da PSPT" (Correia, 2014). Tal como previsto no DSM IV, perante o acontecimento traumático, "a resposta da pessoa envolve medo intenso, sentimento de falta de ajuda ou horror" (Critério de Diagnóstico A2; APA, 1996). Tendo deixado de ser considerado um acontecimento traumático fora do domínio da experiência humana usual, o DSM IV passou a alargar o leque de eventuais acontecimentos traumáticos pertencentes à normal experiência humana: "a pessoa experimentou, observou ou foi confrontada com um acontecimento ou acontecimentos que envolveram ameaça de morte, morte real ou ferido



mento grave, ou ameaça à integridade física do próprio ou de outros" (Critério de diagnóstico A1; APA, 1996).

O problema maior relativamente ao factor subjectivo subjacente ao trauma experimentado, tal como preconizado pelo critério A2 do DSM IV, consiste em avaliá-lo quando se sabe que o trauma a que esteve subjacente ocorreu algures no passado com emoções e cognições sujeitas a distorções enquanto rememorizadas no presente. Daí que a edição mais recente do DSM V (APA, 2014) tenha optado pela eliminação do critério A2 do DSM IV.

Presentemente o DSM V define os seguintes critérios exaustivos de diagnóstico (do Critério A até ao Critério H), na caracterização da PSPT ([309.81 (F 43.10)], APA, 2013).

O critério A implica a "exposição a um episódio concreto ou ameaça de morte, lesão grave ou violência sexual" sob as formas da "vivência directa do evento traumático", do "testemunho pessoal do evento traumático", do conhecimento de que o "evento traumático ocorreu com familiar ou amigo próximo", assim como "ser exposto de forma repetida ou extrema a detalhes aversivos do evento traumático".

O Critério B; identifica os sintomas intrusivos, nomeadamente, "lembranças intrusivas angustiantes, "sonhos angustiantes recorrentes", "reações dissociativas", "sofrimento psicológico intenso ou prolongado ante a exposição a sinais internos ou externos que simbolizem ou se assemelhem a algum aspecto do evento traumático" e "reações fisiológicas intensas a sinais inter-

nos ou externos que simbolizem ou se assemelhem a algum aspecto do evento traumático".

O Critério C elenca a "evitação persistente de estímulos associados ao evento traumático", tais como "evitação ou esforços para evitar recordações, pensamentos ou sentimentos angustiantes" ou "evitação ou esforços para evitar lembranças externas (pessoas, lugares, conversas, atividades, objetos, situações) que despertem recordações, pensamentos ou sentimentos angustiantes acerca de ou associados de perto ao evento traumático".

O Critério D refere-se às cognições e humor negativo, sobretudo através da "incapacidade de recordar algum aspecto importante do evento traumático, das "crenças ou expectativas negativas persistentes e exageradas a respeito de si mesmo, dos outros e do mundo, das "cognições distorcidas persistentes a respeito da causa ou das consequências do evento traumático, de um "estado emocional negativo persistente", de um "interesse ou participação bastante diminuída em atividades significativas", de "sentimentos de distanciamento e alienação em relação aos outros e da "incapacidade persistente de sentir emoções positivas.

O Critério E descreve "alterações marcantes na excitação e na reatividade associadas ao evento traumático, sobretudo através de "comportamento irritadiço e surtos de raiva", "comportamento imprudente ou autodestrutivo", "hipervigilância", "resposta de sobresalto exagerada", "problemas de concentração e "perturbação do sono".

Visita à Liga dos Combatentes do Tenente-general Vaz Antunes, Chefe da Casa Militar da Presidência da República

O Tenente-general Vaz Antunes, atual Chefe da Casa Militar da Presidência da República esteve na sede da Liga dos Combatentes, em Lisboa. Foi recebido pelo Presidente da instituição, Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues, que lhe deu as boas vindas e desejou as maiores felicidades no novo cargo.

Após uma reunião de trabalho, o Tenente-general Vaz Antunes cumprimentou os outros elementos da Direção Central da Liga dos Combatentes, visitou as instalações e mostrou toda a disponibilidade no apoio e garantia das melhores relações pessoais e institucionais. 



Protocolo Liga dos Combatentes / Guarda Nacional Republicana

Foi assinado, entre a Liga dos Combatentes e a Guarda Nacional Republicana, um Protocolo, que tem como objeto a colaboração entre as duas Instituições visando a identificação e localização dos Combatentes sinalizados através do Programa Cuidados de Saúde e Apoio à Inclusão Social. A assinatura decorreu na Sede da Liga dos Combatentes tendo subscrito, pela LC, o respetivo Presidente Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues, e, pela GNR, o respetivo Comandante Operacional Tenente-general Rui Manuel Carlos Clero. No ato esteve presente toda a Direção Central da Liga bem como o Coordenador Técnico do Programa Cuidados de Saúde Coronel António Correia. 



General Jorge Manuel Brochado de Miranda agraciado pelo Presidente da República.

O Presidente da República agraciou no passado dia 31 de janeiro com a Ordem Militar de Santiago da Espada, o General Jorge Manuel Brochado de Miranda, membro do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes e antigo Presidente da Mesa da Assembleia-geral. «O serviço da Pátria constitui o denominador comum dos ilustres agraciados de hoje. Na notável criação histórica militar, com o senhor General Jorge Brochado de Miranda envolvendo uma vida de devoção à pesquisa, à escrita... à criação cultural...», referiu o Presidente da República no Palácio de Belém. 



Homenagem aos militares na posse do novo CEMGFA

No ato de posse como CEMGFA, o almirante António Silva Ribeiro, garantiu que iria reestruturar o EMGFA, reforçando os setores dos ramos, onde a falta de pessoal mais se faz sentir e reduzindo efectivos, onde eles podem ser reduzidos.

No discurso da cerimónia no Forte do Bom Sucesso, onde funciona o Museu do Combatente, disse o novo CEMGFA que o EMGFA necessita ser reestruturado, redimensionado, porque quem precisa muito de efetivos são os ramos", disse.

O novo responsável mostrou-se "convicto de que com a colaboração dos chefes dos ramos, dos oficiais gerais e dos oficiais do EMGFA" é possível "definir uma estrutura que continue a cumprir as missões, mas com menos efetivos".

"Vamos enfrentar as dificuldades e superá-las, afirmou o almirante António Silva Ribeiro, e prosseguiu: Vamos fazê-lo, «olhando para além do horizonte porque temos o dever de construir as Forças Armadas do futuro ao mesmo tempo que servimos Portugal com o brio e a competência de que os portugueses precisam".



«É preciso abrir as Forças Armadas ao país, garantiu – para que os portugueses percebam e tenham orgulho nos seus militares porque prestam um serviço inigualável" pois, "tendo esse orgulho", de certeza que mais cidadãos poderão vir a integrar as Forças Armadas.

Sobre a necessidade definida anteriormente de as FA terem entre 30 a 32 mil efetivos, o almirante defendeu a necessidade de "olhar para as circunstâncias estratégicas que decorrem do empe-

nhamento nas missões das alianças" e também "missões em Portugal, fazer o adequado estudo e ponderação e tomar decisões".

No final da cerimónia, o novo CEMGFA depositou uma coroa de flores no monumento aos combatentes, mortos no exercício de missões.

Falando aos jornalistas, o novo CEMGFA afirmou: "Emocionei-me porque nunca são demais as homenagens que fazemos aos militares que morreram".

LIGA SOLIDÁRIA

Revelou-se um êxito a campanha «Um Euro, Um Lar» que a Liga dos Combatentes lançou, para angariar fundos que ajudassem a construir a Residência São Nuno de Santa Maria, em Estremoz e transformar o Lar dos Filhos dos Combatentes em Complexo Social Nossa Senhora da Paz, no Porto.

Continuamos a aguardar os vossos contributos para a sua manutenção e funcionamento e apoio de carácter social a antigos combatentes e famílias.

Contamos consigo

Um euro...
...um lar



REABILITADO COMBATENTE

Fuzilado na Flandres

O Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas, Marcelo Rebelo de Sousa "associa-se à reabilitação moral do Soldado João Ferreira de Almeida, do Corpo Expedicionário Português, fuzilado em 16 de setembro de 1917, no teatro de guerra da Flandres, há cem anos", pode ler-se no site da Presidência. "Este gesto, simbólico e humanitário, possibilita a reabilitação da memória de um soldado condenado a pena contrária aos direitos humanos e aos valores e princípios há muito enraizados na sociedade portuguesa, pena essa que seria hoje insuscetível de aplicação à luz da Constituição da República Portuguesa vigente".

Concretiza-se, assim, também, uma

pretensão antiga da Liga dos Combatentes, com a possibilidade de o Soldado João Almeida integrar a memória coletiva de todos os Soldados, aos quais, nas celebrações do Centenário da Grande Guerra, se deve um justo tributo e homenagem.

A iniciativa foi tomada na sequência de proposta da Liga dos Combatentes ao MDN, que mereceu parecer favorável do Conselho de Chefes de Estado-Maior e de deliberação aprovada em Conselho de Ministros e, "no quadro das celebrações da abolição da pena de morte e do centenário da 1.ª Guerra Mundial".

O gesto de reabilitação moral não impedirá "nem a reapreciação dos factos

ou dos fundamentos da condenação, nem o fundamento de uma indemnização ou perdão de pena", mantendo-se o processo jurídico intocado, segundo a deliberação do Conselho de Ministros. Em causa está "tão-só a prática de um ato simbólico e humanitário", refere a deliberação do Executivo.

Natural do Porto, o soldado João Almeida esteve cerca de sete semanas na linha da frente nas trincheiras, no teatro de guerra da Flandres. Foi condenado em tribunal de guerra à pena de morte por um crime de traição à pátria, por tentar passar para o inimigo.

Foi executado aos 23 anos e o seu corpo está enterrado no cemitério francês de Richebourg. 





Homenagem aos **combatentes de La Lys**



Isabel Martins

A história da página anterior, tem um epílogo com várias versões, e a mais conhecida conta-nos que o soldado João Ferreira de Almeida trabalhou no Porto, como motorista, em casa de uma família alemã, onde terá sido bem tratado e a quem ficara reconhecido. Acontece que os ingleses já tinham fuzilado vários soldados, por diferentes motivos e pressionaram os comandos portugueses, para que «descobrissem alguém» para servir de exemplo às tropas portuguesas e serenassem os ânimos britânicos. Independentemente da tragédia que foi este fuzilamento, quase a pedido, o mundo prepara-se agora para comemorar o centenário da Grande Guerra.

Este ano esta data será comemorada em França, com a presença do Presidente da República, Primeiro-ministro, chefes militares bem como o Presidente da Liga dos Combatentes, General Chito Rodrigues. Aurore Rouffelaers, Vice-presidente do núcleo de Lillers da Liga dos Combatentes e também Vice-presidente para a memória do Comité France-Portugal des Hauts-de-France foi nomeada para coordenar à escala regional, as cerimónias do Centenário pelo Consul Honorário de Portugal para os Hauts-de-France,

Bruno Cavaco. A comemoração terá lugar em Richebourg e no monumento de La Couture, no dia 9 de abril, aniversário da Batalha de La Lys, sendo que estão sob a responsabilidade da Liga dos Combatentes.

O cemitério de Richebourg é um cemitério militar exclusivamente português, no qual, entre 1924 e 1938, se sepultaram 1.831 soldados, dos quais 238 são desconhecidos, provenientes de outros cemitérios franceses de Le Touret, Ambleuse e Brest, de Tournai, na Bélgica, e também os corpos de prisioneiros de

guerra mortos na Alemanha.

O monumento de La Couture, do escultor português António Teixeira Lopes é inaugurado a 10 de novembro de 1928, recorda a presença portuguesa na Primeira Guerra Mundial em França e há, ainda o cemitério militar britânico de Boulogne onde existe um talhão português com 44 campas.

Este ano, em vez de como usual, se celebrarem a 9 de abril no Mosteiro da Batalha, as cerimónias de homenagem aos soldados desconhecidos da Grande Guerra, vão ser celebradas a 14 de abril.

No dia 9 de abril de 1921 foram conduzidos para o Mosteiro da Batalha, Templo da Pátria, dois Soldados Desconhecidos, vindos da Flandres e da África Portuguesa representando os gloriosos mortos das expedições enviadas aos referidos teatros de operações e simbolizando o sacrifício heróico do Povo Português.

“Sepultados na Sala do Capítulo e alumiados pela “Chama da Pátria” do Lampadário Monumental, da autoria de Lourenço Chaves de Almeida, o seu túmulo tem Guarda de Honra e a protecção do mutilado “Cristo das Trincheiras” que no território de Neuve-Chapelle, na Flandres, foi companheiro constante das tropas portuguesas”. www.mosteirobatalha.gov.pt

Tributo de um luso descendente

O compositor e intérprete Daniel dos Santos, conhecido por Dan Inger dos Santos acabou de compor em 30 de novembro 2017 uma nova canção em memória dos Soldados Portugueses do Corpo Expedicionário Português que combateram em França durante a Grande Guerra. Pode-se assistir a esta canção e ao filme que a acompanha, no link <https://www.facebook.com/museucombatente.oficial/videos/1620813631336892/>. A letra e a música são de: Daniel dos Santos.

«Ainda há bem pouco tempo eu desconhecia tudo sobre a participação dos Portugueses na I Guerra Mundial. Fui tomando conhecimento através dos artigos publicados pelo LusoJornal», explica o cantor.

Quando Dan Inger dos Santos foi assistir a um Colóquio sobre este assunto na Mairie de Paris 14, organizado pela Delegação de Paris da Liga dos Combatentes ... «senti que todos nós podemos fazer qualquer coisa para lembrar que houve 55.000 Portugueses mobilizados para participarem na I Guerra Mundial. É pena que ninguém fale», contou o autor ao LusoJornal. «Que a França esqueça, já me parece grave, mas que Portugal também esqueça, ainda é bem mais grave».

Seguindo uma sugestão de Ma-



Dan Inger dos Santos

rie-Hélène Euvrard, a Presidente da Coordenação das coletividades portuguesas de França (CCPF) para que escrevesse uma canção sobre o assunto, o artista aceitou e a canção «saiu em poucos dias» após se ter devidamente documentado.

Chama-se «Carte postale de la Lys» e é cantada em francês. «Fala de um soldado que espera uma carta de amor, mas esse amor tanto pode ser uma mulher, como a Pátria. E ele acaba por dizer 'Nunca me esqueças ...E é essa a principal mensagem que eu quero fazer passar: nunca esquecermos aqueles que combateram durante esta Guerra, em França». Dias depois, eu própria, ao ver a notícia no LusoJornal e depois de ouvir a música legendei cada estrofe da canção de Daniel dos Santos, com imagens sobre a Grande Guerra da Liga dos Combatentes e da internet, que têm a ver com a letra da música. Este conjunto de sons e imagens composto em filme tem tido grande divulgação quer em França como em Portugal. Daniel dos Santos foi militar no 153º Regimento de Infantaria, em Mutzig, na Alsácia. «Documentei-me muito para escrever esta canção, mas também me imaginei, com a minha farda e as minhas botas, mesmo não tendo participado na guerra. Mas imaginei o quanto foi difícil para os Soldados portugueses estarem na frente do conflito» contou ao LusoJornal.📌

Rosas Vermelhas - 9 de Abril de 1918

Muitos portugueses que combateram na Grande Guerra deixaram escritas as suas histórias. Este é mais um testemunho de um soldado português que, sendo médico na frente de batalha, recorda aqui toda a crueldade da guerra e a forma nobre como cumpriu a sua missão, não se livrando, ele próprio, de passar também pela doença e pelo sofrimento.

Que se passou nesse fatídico dia 9 de Abril de 1918, foi catástrofe heroica, horrível, horripilante, uma monstruosidade de selvageria humana, sintetizada nesta guerra – monstro insaciável de vidas.

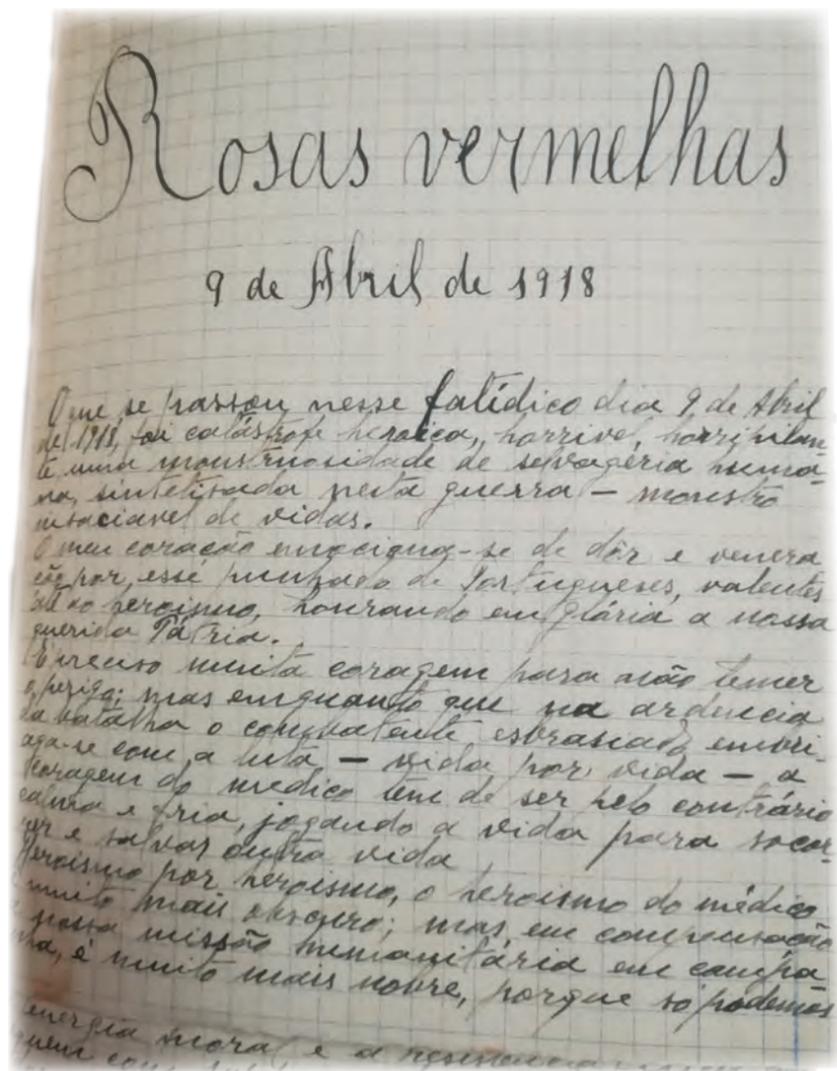
O meu coração emociona-se de dor e veneração por esse punhado de Portugueses, valentes até no heroísmo, honrando em glória a nossa querida Pátria.

É preciso muita coragem para não temer o perigo; mas enquanto que na ardência da batalha o combatente esbraseado embriaga-se com a luta – vida por vida – a coragem do médico tem de ser, pelo contrário, calma e fria, jogando a vida para socorrer e salvar outra vida.

Heroísmo por heroísmo, o heroísmo do médico é muito mais obscuro; mas em compensação a nossa missão humanitária em campanha é muito mais nobre, porque só podemos morrer – salvando – sem o mesmo direito de defesa da luta que também pode matar.

Doente, gaseado, em perigo de vida e já quando mais não podia, lá me conduziram da frente para o hospital, onde cheguei ao entardecer do dia dez.

A visão de muito sangue e carne esfrangalhada e a música diabólica de tanta dor e sofrimento dos nossos feridos, ensanguentando nas suas lamen-



tações os nomes dos entes queridos além Portugal, são causas impressionantes, queimando mais o nosso espírito do que a própria febre escaldante. Depois de alguns dias entre a vida e a morte, a energia moral e a resistência física conseguem, com surpresa de muitos, vencer a doença.

Numa ambição fanática de então mais do que nunca, continuar afeiçoando o meu delicioso sonho, idealizado nas aventuras, perigos e emoções dessa vida, tormento prazenteiro, até às vezes

alegre, venturosa, em espinhos para a minha mentalidade de médico também ao alcance da metralha! A vontade mais uma vez venceu, porque passado um mês, julgando-me restabelecido e, afastando com prontidão o interesse manifestado por colegas amigos, do regresso à Pátria, eu fui pedindo por favor alta do hospital...

Esta outra vida aqui na Base, de refúgio, desagregação e amolecimento militar, em que desaparece o espírito combativo do soldado, que indiferente

e ignorando das razões que o levaram à guerra, só pensa no regresso e só sabe que Portugal está longe e a família o chora com saudade. Esta vida não me seduziu e tanto assim que tendo sido honrosamente colocado em Cherbourg na companhia de dois colegas condecorados com Cruz de Guerra – lugar privilegiado e ambição de tantos – eu fiz novamente o meu oferecimento para partir outra vez para a guerra travada muito mais além! Momentos de desespero e fraqueza?! Eu sei cá – maldita ou bendita sorte, que neutralizaste as minhas ridentes e românticas aspirações, algemando-me logo nessa tarde à cama.

Vociferando acemente contra esta enfermidade, uma gripe talvez passageira, de que a minha resistência física e vontade inflexível mais uma vez e em breve deviam sair vencedoras. Lastimável e puro engano!!

Gaseado, o caso era grave pela extensão e intensidade de uma congestão pulmonar e novamente em perigo de vida lá vou pela segunda vez a caminho do hospital.

Um quartito de barraca de campanha, de paredes qual caixa de papelão e um catre de convidar ao repouso. Abandonado, indiferente ao sofrimento, na paz de alma de quem cumpriu e já infortunado com a sorte, numa sonolenta prostração alarmante e num alheamento ao que me circunda, eu sinto, mas não quero ver a morte, que ronda bem perto.

Era já crepúsculo - uma voz de mulher portuguesa vibrando em melodia?! Eu reabro os olhos como ao despertar de um sonho e venturosa realidade – um rosto sorridente de uma das nossas enfermeiras, inteligente, ilustrada e de uma simplicidade tão encantadora e sentimental nas suas produções literárias, abeira-se do leito a incluir esperança e alento a quem desolado julgava.

Alma romântica e sonhadora de mulher portuguesa, rescendendo os aromas da sua sentimentalidade e amor, num espírito de sacrifício digno de muito reconhecimento, como és bela e encantadora!... Numa dedicada abnegação ela vela toda a noite, e que carinho



em adivinhar os pensamentos deste seu doente resignado e em sonolenta quietude arrepiante.

O peito em roca, uma tossita breve e mais sangue!!

Perturbada, e num aveludar de voz, em meiguice de uma suavidade musical: “não será nada, tudo vai passar, tranquilize-se, tenha esperança – Deus é bom e a vida é bela – olhe, não fale, durma, durma, far-lhe-á muito bem”. Gosta de flores? – Oh! Sim, como eu as amo e adoro!...

Hei-de trazer-lhe muitas e bem bonitas;

mas por quem é, não desanime.

E eu em voz débil – mais sangue e como ele é vermelho!! Desanimar?!

Ai não, eu sinto até prazer. São as pétalas das minhas rosas vermelhas, são as minhas medalhas – ramalhete de consolação e prémio de uma consciência tranquila no sacrifício da minha nobre e sacro-santa missão. 🌹

**Hospital da Base nº 2
Em campanha, 27-7-1918
Manuel José Lourenço
Tenente médico miliciano**

CONSERVAÇÃO DAS MEMÓRIAS

Trasladação de restos mortais de Combatente



Talhão da Liga dos Combatentes no Cemitério de São João de Brito, em Nampula

Os restos mortais do soldado Manuel Vaz Montenegro, natural de Cossourado, Paredes de Coura e falecido em Campanha, em 22 de Fevereiro de 1967, no Norte de Moçambique, foram exumados em 15 de Fevereiro de 2018 do Talhão da Liga dos Combatentes situado no Cemitério de São João de Brito, em Nampula. A família do militar tomboado recolheu toda a informação necessária e disponibilizada pela Liga dos Combatentes, tendo desencadeado o processo que possibilitou a expensas próprias concretizar a transladação dos restos mortais para Portugal.

Por solicitação da família, diretamente apresentada à Liga dos Combatentes,

desencadeou-se o processo de transladação com base nas referências prestadas pela Liga dos Combatentes à família do militar. Com recurso a uma agência funerária portuguesa, foi iniciado o processo de transladação que teve como intervenientes diretos, a Embaixada de Portugal em Maputo, a Delegada da Liga dos Combatentes em Nampula e Cônsul Honorária de Portugal naquela cidade Moçambicana e o Diretor da Cooperação Técnico Militar Portuguesa em Nampula. As diligências encetadas com base nos registos da Liga dos Combatentes sobre os militares portugueses sepultados no Talhão da LC no Cemitério Municipal de Nampula, tornaram possível con-

cretizar, eficaz e discretamente, esta operação de transladação de restos mortais de um Combatente português.

Os restos mortais do soldado Manuel Vaz Montenegro, exumados em Nampula, foram inumados a 24 de Fevereiro no cemitério da freguesia de Cossourado da Vila de Paredes de Coura.

A família manifestou o seu desejo de por razões de descrição que pretendia preservar, que a cerimónia de inumação no cemitério da Freguesia de Cossourado ocorresse com cerimónia religiosa mas sem as honras militares a que tinha direito o soldado Vaz Montenegro, tomboado em Moçambique, na Guerra do Ultramar, ao Serviço da Pátria. 

Evocada a invasão da Índia, por quem viveu os acontecimentos

Foram levadas a efeito as cerimónias relativas ao 56.º aniversário da invasão de Goa, Damão e Diu, por tropas da União Indiana, na Capela do Forte do Bom Sucesso e por especial deferência do Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes. Nas referidas cerimónias estiveram presentes cerca de oitenta companheiros de cativo, os quais encheram a Capela.

O Presidente da ANPG, Fausto Diabinho, agradeceu a presença das Entidades e companheiros de cativo, afirmando, a dado passo:

«Nesses longínquos dias 17 a 19 de dezembro de 1961, passados que são 56 anos desses acontecimentos, que nos deixaram marcas bem profundas nas nossas almas, que com o avançar da idade se agudizam e persistem a todo o momento.

Muito ainda falta dizer, por escrito, sobre esses acontecimentos, mas, estou crente que, como eu, outros que viveram o pesadelo dessa época, já o fizeram ou ainda o virão a fazer, pois a verdadeira história será o testemunho dos que realmente viveram os fatos onde os historiadores (não politizados) irão beber para a poder revelar, após o desaparecimento dos últimos protagonistas desse passado.

As análises podem ser efetuadas de vários pontos de vista, na medida em que, podem divergir, mas não é válido incluir nas divergências “os verdadeiros combatentes” que nela participaram, sofreram as agruras e nela deixaram a juventude, saúde e a própria vida.

É assim que, no contexto de valores de cada período da história, o homem procura deixar marcos que definam e lembrem aos vindouros, as virtudes que presidem à consecução dos objetivos do grupo social».

De seguida e como convidado falou o Presidente da Liga dos Combatentes, General Chito Rodrigues, realçando que



a ANPG era uma Associação que não esquecia os seus mortos, tal como a Liga dos Combatentes e, de improviso, falou sobre os acontecimentos que tinha acabado de ouvir, lembrando que naquele momento, na Capela do Combatente, onde os presentes se encontravam, assim como na presença do “Cristo das Trincheiras” e de S. Nuno de Santa Maria (Condestável Álvares

Pereira), pairava sobre as nossas cabeças, tal como tinha acontecido aos Prisioneiros da Índia no dia 19 de Março de 1962, algo muito transcendente e místico, enaltecendo a figura do Capelão que tinha originado o texto que tinha acabado de ouvir. Todos os presentes ficaram comovidos com o que tinham acabado de ouvir. As cerimónias terminaram com o Hino Nacional.🇵🇹



Campo de prisioneiros de Alparqueiros

Durante a cerimónia na capela da Liga dos Combatentes, no forte do Bom Sucesso, em Lisboa, foram lidos, por várias personalidades, excertos de um diário sobre os dias passados em cativo na antiga Índia sob administração portuguesa. Esta leitura, emotiva, tocou a todos e aqui fica, para memória futura.

Roberto Durão - Segunda-feira, 19 de março de 1962. Hoje que foi o dia do Pai, podíamos ter deixado muitos órfãos em Portugal. A nossa vida esteve por um fio.

Horácio Sousa - Diariamente são escalados homens para os mais variados serviços, pedindo os Indianos em média 250 homens. Um desses serviços é o da limpeza do quartel, despejando todos os recipientes de lixo numa camioneta de balsa, que era pertença do Governo-geral. É nomeado um sargento e 10 a 15 homens para esse serviço.

Enquanto uns carregam o lixo outros andam em cima da camioneta, sempre

acompanhados pelo graduado. Desta vez coube a vez ao Furriel Araújo do Agrupamento D. João de Castro e ao pessoal da Companhia de Caçadores 10, tendo-se oferecido alguns soldados dessa Companhia.

A partir de determinada altura do percurso, o furriel suspeitou que três soldados se tentavam esconder debaixo do lixo. Tentou dissuadir os homens dessa ideia, mas não conseguiu.

Roberto Durão - A camioneta foi imediatamente interdita e vi os fugitivos a serem tirados para fora da camioneta, encharcados dos restos do rancho e emporcalhados com toda a espécie de imundícies.

Acácio Tenreiro - Imediatamente o comandante indiano mandou tocar a formar para contagem, contagem que demorou das 11H00 às 12H30, debaixo dum sol ardente, verificando-se não faltar ninguém.

Roberto Durão - Todos nós tivemos de formar na parada e estivemos cerca de duas horas debaixo de Sol, enquanto o Comandante Indiano reunia os Comandantes das nossas Unidades para os avisar que qualquer tentativa de fuga futura seria punida severamente, até mesmo com a morte dos fugitivos.

Horácio Sousa - Saiu-se da formatura ao meio-dia e tal, para o almoço. Pas-

sou a primeira tempestade, mas o céu está muito nublado e os soldados são levados, tal como foram apanhados, para as barracas de isolamento

Horácio Sousa - Sucede, no entanto, um facto que não se esperava. O Furriel Araújo depois da formatura dirige-se para a camarata, por sinal ao lado da minha, mas começam-se a ouvir os assobios. O número de manifestantes aumenta de segundo para segundo. Faz-se um barulho ensurdecido e começam a perseguir o furriel pela parada. Este, chegando perto da camarata, dá uma pequena corrida. Cai a primeira pedra. Gera-se grande confusão pois que os soldados querem agredir o furriel, que já está dentro da camarata.

Acácio Tenreiro - Numa corrida, parece que Deus me deu asas, atravessei a parada, meti-me no meio daquela multidão enfurecida e postei-me à entrada da caserna, barrando a entrada; alguns, com ferro e cacetes, até pelas janelas já queriam tentar entrar.

Roberto Durão - Só havia uma coisa a fazer: vários oficiais, entre os quais o Major Tenreiro, o Capitão Couto, o Capitão Nogueira da Silva, eu e mais alguns, metemo-nos à frente deles e, ajudados por alguns sargentos daquela camarata, impedimos a entrada àquela multidão dominada pelo ódio e conseguimos convencê-los a não agredirem o furriel.

Acácio Tenreiro - A vontade de o estrangular era cada vez maior e tão depressa a multidão dispersava, como logo se juntava numa porta ou noutra, para a meterem dentro e darem cabo dele. Claro que os senhores comandantes do Campo - o Imediato e o Morais que, como eu, viram a cena, meteram-se no quarto, pois era mais cómodo, mas eu fiz o que fiz e faria sempre o mesmo, não mais pelo furriel, mas pelos próprios soldados, que iam cometer uma loucura que lhes viria a sair muito cara.

Acácio Tenreiro - Achei que seria mais sensato isolar o furriel, pelo que mandei

pedir ao Sr. Imediato que falasse com o Major Thomas para retirar o sargento dali, o que este fez, instalando-o fora do Campo, numa tenda da tropa indiana.

Roberto Durão - Depois de tudo passado e dos ânimos estarem mais calmos, houve ainda uma discussão, que quase chegou a vias de facto. Foi uma ocasião para ficar a conhecer a mentalidade de certos indivíduos que aqui estão conosco e de verificar o estado de nervos em que a maioria anda e que, à primeira oportunidade, procura expandir a sua fúria, tocada pelo ódio, raiva e espírito de vingança que durante este tempo têm recalcado.

Horácio Sousa - Depois do almoço, tudo parecia correr normalmente e a contagem foi mais cedo para se poder assistir à missa de S. José. O capelão pediu para rezarmos por alma de todos os militares que faleceram nesta campanha. Depois da missa, os soldados que estavam nas barracas da prisão de isolamento foram levados num jipe, não se sabe para onde, mas deram-lhes os sacos.

Acácio Tenreiro - Eram 18H30, quase hora de jantar, quando o clarim toca novamente a formar e o facto de ter tocado três vezes seguidas, alertou-nos para a urgência da formatura, ao mesmo tempo que se ouviam chegar junto do Campo viaturas militares com tropa. Verifiquei então a entrada no Campo dum grande automóvel, onde se deslocava o Brigadeiro, Comandante de todos os Campos de prisioneiros.

Acácio Tenreiro - Depois de todos os prisioneiros formados, desta vez foram doentes e tudo, mandaram colocar os Comandantes à frente e, em frente destes, o Imediato a quem o Brigadeiro se dirigiu nestes termos: «Sei que hoje houve aqui um acto de indisciplina, que a vossa tropa está indisciplinada; vou meter novamente o furriel no campo e não admito que haja alguém que lhe faça mal. Por isso, pergunte aos seus homens se algum lhe quer fazer mal e que, nesse caso, dê um passo em frente.»

Roberto Durão - O Brigadeiro lembrou-se de perguntar se havia alguém que tivesse coragem de dizer que queria fazer mal ao Furriel denunciante. Foi o rastilho: imediatamente se ouviram várias vozes aqui e acolá, gritando: "Sim! queremos todos castigá-lo.»

Acácio Tenreiro - O Brigadeiro, que berrava que nem um capado, julgava que com o seu palavreado atemorizava com certeza os 1.600 homens ali presentes e por isso ficou varado quando, à pergunta do Imediato, todos responderam «SIM». Mais tarde, vim a saber que aquela resposta foi dada por contágio, pois a maioria da tropa nem sequer sabia o que se estava passando, não só por não perceberem o inglês do Brigadeiro, como por não terem percebido a pergunta do Imediato -- que só falava para dentro.

Roberto Durão - O Brigadeiro não esperava esta atitude.

Convencera-se que com a sua presença e o seu ar marcial incutiria respeito e faria os nossos homens mudar de ideias quanto ao furriel. Enganou-se, porém, e isso irritou-o profundamente. Começou a gritar se era assim que nós pagávamos a maneira como nos procuraram tratar até aqui, disse que a partir de hoje seriam proibidos todos os rádios e que nos privariam de toda a correspondência.

Horácio Sousa - Entretanto anoitecera e o céu parecia totalmente fechado e coberto de nuvens. A minha posição nas formaturas é a mais adiantada possível pois que faço parte do Grupo A, que está mesmo à frente. Em todas as formaturas que estão à frente se sentem os momentos que passam e há as mais variadas formas de receio. Atrás de mim, na Engenharia, há um soldado que lança gases e ruídos e ouve-se também alguns a vomitarem. Vejo à minha frente dois soldados indianos, deitados com uma arma no chão, e ouvem-se as culatras. Sinto-me maldispuesto, começa a vista a faltar-me e noto que estou prestes a desmaiar. O Brigadeiro então manda avançar para a nossa frente

duas metralhadoras enquanto mais algumas são levadas para a retaguarda da formatura e o Brigadeiro grita: «Quem se mexer é abatido!».

O momento é dramático e todos sentem a gravidade dos minutos que correm. É dada ordem para os oficiais ocuparem uma posição avançada. É nesse momento que aproveito a altura em que o Sabino já está à minha frente e fico encoberto por oficiais, para beber uns goles de água, que me fizeram bem pois que me senti melhor. Daí a momentos um Capitão cai na formatura com um desmaio. Procuram ajudá-lo mas o Brigadeiro grita: "Deixem-no!" -- e ele fica no chão, estendido.

Roberto Durão - Estivemos em sentido cerca de meia hora ou mais e houve dois oficiais nossos que desmaiaram por não terem comido há bastante tempo e estarem em grande estado de fraqueza. Foram eles o Capitão Flaviano e o Rúben. O Rúben caiu no meio do chão a vomitar, mas o Brigadeiro ameaçou que quem se mexesse para o ajudar levaria um tiro. O Flaviano ainda foi levado em braços pelo Couto Leite e pelo Saraiva, mas mandaram-nos parar. Vi um soldado indiano levar a arma à cara e apontar para esses dois oficiais, que transportavam o Flaviano. Deu-me a impressão que iria fazer fogo, mas um dos oficiais indianos mandou-o suspender o acto.

Acácio Tenreiro - Ao que a besta do Brigadeiro se dispunha, ninguém sabe, pois nesta altura, desceu um anjo do céu à terra, na pessoa do Padre Ferreira da Silva, Capelão da nossa tropa, que se encontrava lá atrás e nada estava a perceber.

Roberto Durão - O Padre Ferreira avançou e se os soldados não dispararam foi porque o Brigadeiro reconheceu a tempo tratar-se de um padre.

Acácio Tenreiro - Dirigindo-se ao Brigadeiro, o Padre Ferreira da Silva expôs-lhe o estado em que a tropa se encontrava e disse-lhe que a pergunta que fora feita não podia sê-



Desembarque de tropas portuguesas em Damão

lo daquela maneira porque uma pergunta em colectivo nada significava. Pediu-lhe que o deixasse a ele falar com os soldados e que os levaria, com certeza, à razão. Por três vezes o Brigadeiro se negou e por três vezes ele insistiu, até que lhe foi dada autorização.

Horácio Sousa - O Capelão voltou-se para nós e disse-nos:

«Irmãos, o momento que atravessamos

é bastante crítico. Lembremo-nos dos nossos mais queridos, que estão desejosos de nos ver e abraçar. Sei que estais magoados com o procedimento do furriel, mas ele fez tudo sem pensar e com certeza já está arrependido. Por isso esqueçam todo o rancor e aceitem o que vos peço, dizendo comigo: «Desculpe, Senhor». A estas palavras, ditas com emoção e a voz embargada, pois que havia oferecido a sua vida em tro-

ca da de todos nós, repetimos todos: «Desculpe Senhor». Todos dissemos: «Sorry sir».

Horácio Sousa - No meio desta fatalidade sobressai um homem que com inspiração divina nos veio salvar a todos, lembrando-nos os momentos difíceis que já passámos e fazendo recordar a alguns espíritos transviados a existência da família, apelando ao bom-

senso dos que estavam a perturbar a paz. Esta figura, o Tenente-Capelão Padre Ferreira da Silva, que se encontra neste Campo por sua vontade, para não falhar com apoio moral a todos os que acreditam que existe qualquer coisa mais que na Terra, sobressaiu no momento mais decisivo da nossa permanência neste Estado.

Acácio Tenreiro - Logo que o Capelão conseguiu o que desejava, retirou-se, vindo então o Brigadeiro para junto dos comandantes, a quem pregou um grande sermão. O Ruben, a meu lado, jazia por terra desmaiado e nós sem possibilidade de o ajudar, pois estávamos em sentido e não nos podíamos mexer. Perante este sermão, que eu mal entendi, mas que o Imediato percebeu bem pois sabia inglês, embora tenha ficado calado que nem um rato, não me pude conter e, como vi que ninguém se atrevia a falar, avancei um passo e disse ao Brigadeiro que desejava falar-lhe. Infelizmente, não sei o inglês suficiente para uma conversação e a conversa através de intérprete nada dá, mas não deixei de lhe dizer que era um facto que, de manhã, tinha havido um acto de indisciplina geral, que ninguém o lamentava mais que nós, os oficiais portugueses, mas que esse acto de indisciplina fora imediatamente sufocado por nós, e que os nossos homens acataram bem as nossas ordens.

Horácio Sousa - Muitos soldados indianos saíram do quartel, mas continuaram a aguardar lá fora, mantendo-se de prevenção. Depois de destroçarmos, começaram-se a ouvir as opiniões de cada um sobre o acontecido. Alguns estavam tranquilos porque, como formam atrás, não se aperceberam de nada a não ser os que sabiam inglês ou ouviram as culatras a trabalhar. Aparecem os valentões, que dizem que eles não nos podiam fuzilar por isto e por aquilo e por causa da opinião mundial. Mas outros pensam que os indianos podiam alegar que nos tínhamos revoltado e que nos tinham fuzilado para sufocar a rebelião. O mal seria para nós e para eles não haveria consequências.

Horácio Sousa

Precisamente a esta hora, há três meses atrás, estava sofrendo quase da mesma maneira, mas agora foi muito pior. Os momentos que se passaram há pouco foram dramáticos, as nossas almas sentem-se tristes e o que nos valeu foi haver um homem que, inspirado na Sabedoria Divina, nos salvou naquele momento. No fim destes minutos dramáticos, ter: «Obrigado, Senhor Nosso» -- por nos ter salvo e enviado o seu mensageiro. Pus-me a conversar com alguns soldados e não jantei e daí a pouco fui ao Terço para agradecer a Nossa Senhora a protecção nos momentos mais difíceis. Depois do Terço continuaram os comentários e todos eram da opinião que a intenção do Brigadeiro seria a de nos enxovalhar mas que, como deparou com uma reacção que não esperava, reagiu assim. Daí a momentos tocou a descansar e o silêncio é enorme pois que todos nos compenetrámos dos momentos terríveis por que havíamos passado.

Acácio Tenreiro - Confesso que me senti pequenino, que me senti liquidado e que unicamente me veio á cabeça a recordação de todos os meus entes queridos, cuja protecção implorei numa prece a Deus. Num dado momento, estive quase a perder os sentidos, mas consegui aguentar-me.

Horácio Sousa - Tudo o que se passou ficará gravado no meu coração e o dia 19 de março de 1962 - Dia de S. José - jamais se apagará da minha memória pelos momentos cruciantes e terríveis que passei, de incerteza pelo futuro. Queira Deus que seja este o último transe difícil que teremos de passar nesta permanência tão aborrecida mas que, se Deus quiser, estará no fim.

Acácio Tenreiro - Depois de há três meses ter passado por tão maus momentos, o dia de hoje considere-o ainda pior.

Roberto Durão - Hoje que foi o dia do Pai, podíamos ter deixado muitos órfãos em Portugal.☐



Por Miguel Machado

www.operacional.pt

fotos: Mário Diniz



Tropas portuguesas em África

Portugal reforçou a sua participação na força da União Europeia na República Centro Africana, cabendo ao Brigadeiro-general Hermínio Maio do Exército Português substituir o General de Divisão espanhol Fernando García Blázquez. Continuaremos neste país na força das Nações Unidas; nas missões da ONU e da UE no Mali com efectivos simbólicos, bem assim como na missão da UE na Somália. Um denominador comum para todos os envolvidos, grande instabilidade e insegurança, várias baixas anuais nas forças internacionais, entre as quais um militar português no Mali em Junho do ano passado e um ferido na RCA no mês seguinte.

República Centro Africana A situação de segurança continua altamente instável e as Nações Unidas tentam reforçar as suas forças no país o que não se afigura fácil. O Brasil acaba de ser convidado pelo Secretário-geral da ONU para integrar a MINUSCA (*United Nations Multidimensional Integrated Stabilization Mission in the Central African Republic*) com um contingente de 750 militares, afirmou o general brasileiro Ajax Porto Pinheiro ex-comandante da Força das Nações Unidas no Haiti (Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil, 23NOV2017). Os Médicos Sem Fronteiras suspenderam a sua acção na sequência de um ataque e roubo às suas instalações em Bangassou a 20NOV2017, referindo em comunicado que a cidade está

sob controlo de vários grupos armados, tendo a 25 de Novembro todo o seu pessoal médico e de apoio abandonado a região por questões de segurança. Em 26 de Novembro um militar da ONU (do Egipto) foi morto e três outros feridos num ataque no sul do país (Gambo), anunciou a MINUSCA, cujas forças abateram cinco rebeldes; Desde Janeiro de 2017 já morreram na RCA 13 “capacetes azuis”.

EUTM – RCA: European Union Training Mission – República Centro-Africana - Desde 16 de Julho de 2016 as Forças Armadas portuguesas têm um efectivo de 11 Elementos Nacionais Destacados (END) no país, os quais desempenham funções nas áreas de Estado-Maior, no *Strategic Advive Pillar* e no *Education Pillar*. Esta missão enquadra-se no âmbito do processo de apoio às autoridades da RCA na Reforma do Sector

da Defesa. Actualmente o Exército integra a missão com 7 militares, a Força Aérea com 3 e a Marinha com 1. A EUTM RCA é constituída por um Mission Headquarter e três unidades: *Strategic Advice Pillar* com a finalidade de providenciar aconselhamento estratégico ao Ministério da Defesa e ao Estado-Maior-General das Forças Armadas Centro-Africanas, assim como desenvolver a documentação basilar das Forças Armadas Centro-Africanas (FACA); *Education Pillar* para criar o sistema de educação e formar quadros das FACA; e o *Operational Training Pillar* para criar o programa de treino a adoptar pelas FACA e treinar as unidades militares constituídas na capital, Bangui, com o objectivo de preparar 2 a 3 Batalhões de Infantaria Territorial (BIT) para a condução de operações militares até 20 de Setembro de 2018 (Fonte: Exército Português – 27NOV2017).

A solicitação da UE, o governo português propôs e o Conselho Superior de Defesa Nacional de 21 de Setembro de 2017 deu parecer favorável para o Exército Português assumir em 2018 comando da EUTM RCA. A força que o Brigadeiro-general Hermínio Maio vai comandar terá um efectivo semelhante ao actual, cerca de 170 militares provenientes de 12 países.

MINUSCA – United Nations Multidimensional Integrated Stabilization Mission in the Central African Republic - Desde Janeiro de 2017 que a Força Nacional Destacada portuguesa garante uma *Quick Reaction Force* do Comandante Militar a MINUSCA, de escalão companhia, composta maioritariamente por militares do Regimento de Comandos da Brigada de Reacção Rápida do Exército, e uma equipa *Forward Air Controller* da Força Aérea, que actuam em todo o território a

partir da capital Bangui. Esta FND que assentava na 2.ª Companhia de Comandos foi substituída em Setembro de 2017 por outra idêntica com base na 1.ª Companhia de Comandos, e em Março de 2018 será o 1.º Batalhão de Infantaria Pára-quedista da mesma brigada a fornecer a maioria do efectivo de 164 militares – 107 praças, 35 sargentos e 22 oficiais – que compõem esta FND.

Os militares portugueses têm sido intensamente empregues no teatro de operações entrando em combate com forças rebeldes por diversas vezes. Dispõem apenas de material ligeiro e estão equipados com viaturas blindadas HMMWV e não-blindadas Land Rover Defender 4X4.

Mali - Em 24 de Novembro 2017 três militares nigerianos da MINUSMA (*United Nations Assistance Multidimensional Integrated Stabilization Mission in*

Mali) e um soldado do Mali foram mortos e vários outros feridos num ataque no Norte do país, região de Menaka, próximo da fronteira com o Níger. Na mesma data na região de Mopti uma coluna da MINUSMA foi atacada e morreu mais um “capacete azul” e três outros ficaram gravemente feridos. Só nesse dia morreram no Mali ao serviço das Nações Unidas 4 militares e foram feridos 19!

Aqui onde Portugal já participou com efectivos e meios mais importantes – ver FORÇA AÉREA PORTUGUESA DE NOVO NO MALI – mantemos hoje 9 militares na EUTM MALI (*European Union Training Mission in Mali*) e 2 na MINUSMA (Fonte EMGFA, 27NOV2017). O Sargento-ajudante Gil Fernando Paiva Benido que morreu vítima de um ataque terrorista em 18JUN2017 integrava a EUTM.

Na EUTM MALI os militares do Exército Português participam na formação

das Forças Armadas do MALI com duas SharpShooter Training Team. (Fonte: Exército Português, 27NOV2017).

Os dois militares portugueses que ali estão ao serviço da ONU prestam serviço no QG da MINUSMA.

Somália - Da Somália pouco mais se vai sabendo do que notícias de atentados sangrentos e de ataques com drones realizados pelos EUA. O Comando Africano dos EUA acaba de divulgar terem realizado no ano de 2017 dezoito destes ataques enquanto algumas fontes não-oficiais garantem ter havido o dobro e que isso representa um aumento substancial deste tipo de acções em relação ao ano passado.

O Exército Português integra com 4 oficiais a EUTM SOMALIA (*European Union military mission to contribute to the training of Somali security forces*), na formação das Forças Armadas Nacionais Somalis (Fonte Exército Português, 27NOV2017).

A Marinha Portuguesa participa na EUNAVFOR Atalanta no Oceano Índico com um oficial embarcado na fragata da Marinha Italiana Virginio Fasane e um outro colocado no QG da operação em Northwood (Reino Unido) (Fonte EMGFA 27NOV2017)

Conclusão - Militares portugueses participam há anos sem grande visibilidade pública no combate ao terrorismo nestes três países de África, mesmo que por vezes até tenham sido empregues meios relevantes, como aeronaves C-130 e C-295M e Destacamentos de Protecção da Força da Força Aérea e Equipas de Abastecimento Aéreo dos pára-quedistas do Exército. Outras tarefas desempenhadas têm sido funções algo discretas, mas importantes, nos quartéis-generais das respectivas forças multinacionais e na formação de militares nos países em causa. Quer a nível nacional quer internacional os militares portugueses que actuam em África têm visto o seu trabalho ser reconhecido.

Uma das raras notícias sobre a 2.ª FND veio do estrangeiro! O site especializado em assuntos de defesa “Bru-



xelles 2” publicou um interessante trabalho da jornalista Leonor Hubaut

Em 2017 com o empenhamento de uma força de combate, maioritariamente composta por militares comandos na missão da MINUSCA, o poder político ao mais alto nível, do Presidente da República ao Primeiro-Ministro (*) decidiram inverter esta situação e colocaram o assunto da participação portuguesa nesta missão das Nações Unidas na “agenda mediática”. Em boa hora o fizeram, a força, apesar da sua pequena dimensão e meios, teve uma acção a todos os títulos de relevo, sendo elogiada pelo comandante da MINUSCA e, talvez mais significativo ainda, por observadores estrangeiros independentes que com eles lidaram. Muitas vidas

foram salvas na RCA por acção dos militares portugueses e isso soube-se, mesmo que a dimensão dos problemas no país necessitem de muito mais empenhamento internacional. Hoje, nova força de comandos continua no terreno, a sua acção não será certamente diferente, mas muito pouco se vai sabendo o assunto por cá, saiu da agenda mediática e quem a controla como se sabe são os agentes políticos.

O Primeiro-Ministro de Portugal, António Costa, visitou a FND na RCA em 12 de Fevereiro de 2017

Em 2018 o assumir por Portugal do comando da força da UE na RCA vai certamente merecer o empenhamento do governo na sua divulgação e voltaremos a ouvir falar dos militares em

operações exteriores. Justamente diga-se, desde logo pela missão em si ter relevância no terreno. Trata-se de capacitar as forças armadas locais para conseguirem num futuro não muito longínquo combater os seus (e os nossos) inimigos sem presença militar a externa. Mas também por ser o reconhecimento da capacidade dos militares portugueses, não pelos efectivos e meios que serão modestos mas pela confiança depositada num oficial-general português. Há muitos anos que não víamos um oficial general português assumir funções de comando numa operação multinacional terrestre.

Mesmo que os meios tecnológicos, o armamento, os equipamentos de protecção não sejam os ideais e por vezes



até tenham que actuar com lacunas incriveis, os militares portugueses continuam a desempenhar as missões, estas e outras fora de África, com grande profissionalismo e assim têm granjeado o reconhecimento dos seus parceiros internacionais. Se a nova missão na RCA se deve sem dúvida a um empenhamento político – perante qualquer solicitação externa é o governo que decide se, onde e quando empregam os militares – ela é também mais um reconhecimento internacional das Forças Armadas Portuguesas.

(*) Duas curiosidades sobre este tema. O Presidente da República apesar de anunciar publicamente, mais do que uma vez, que iria visitar a força na RCA ainda não o fez, até hoje, parece que está prevista uma visita para breve; o Primeiro-Ministro esse sim deslocou-se à RCA em 12FEV2017 de modo algo inédito na história das missões exteriores, uma vez que o fez logo após a chegada ao teatro de operações da FND a qual ainda nem tinha verdadeiramente começado a sua actividade operacional. 

Winnipeg, Canadá

Novena à Imaculada Conceição

No passado mês de dezembro, a Novena à Imaculada Conceição teve a colaboração do Núcleo da Liga dos Combatentes de Winnipeg e dos Cavaleiros de Colombo. No início da missa, entraram quatro Cavaleiros com a sua Farda de Gala, seguidos dos Combatentes, também fardados, que se dirigiram aos respetivos lugares, reservados.

O Padre Tiago celebrou a missa, com uma comovente homilia dedicada a Imaculada Conceição e enaltecendo o trabalho que os Cavaleiros de Colombo tem efetuado ao longo dos 25 anos de existência ao serviço da Nossa Comunidade, especialmente aos mais necessitados. Também agradeceu a presença dos Combatentes Portugueses, que merecem toda a consideração, por sempre contribuírem para a Paz en-



tre as Nações. Agradeceu a ambos os Grupos por terem acedido a colaborar na Novena a Imaculada Conceição. As leituras foram feitas por Pedro Correia, por parte dos Combatentes e Armindo Sousa, por parte dos Cavaleiros de Colombo. Durante o ofertório, dois Membros dos Cavaleiros, depositaram junto à imagem da Imaculada duas fotografias, uma do Papa Francisco e outra do Padre McGavien.

Seguiram-se três Combatentes, com as bandeiras de Portugal, Liga dos Combatentes e Bandeira do Núcleo de Winnipeg devidamente dobradas, cada uma levando uma boina. A boina Azul, da Força Aérea, pertencendo ao Com-

batente Custódio Reis, já falecido, ia sobre a Bandeira da Liga dos Combatentes, conduzida por António Neves. A boina verde, sobre a Bandeira Portuguesa, representando o Paraquedista falecido, Manuel Guerra, conduzida pelo Paraquedista Luís Vicente e a boina castanha, do Exército, pertencente ao Combatente falecido Tomaz Oliveira, sobre a Bandeira dos Combatentes, conduzida por Carlos Oliveira.

Todos os Combatentes desfilarão nesta cerimónia da oferenda, prestando homenagem à Imaculada Conceição.

Estiveram presentes doze Combatentes, a quem se agradece e também a Fátima Sousa, pelas fotografias tiradas.

Dia do Armistício

O Núcleo de Winnipeg da Liga dos Combatentes por Portugal participou nas cerimónias comemorativas do Dia do Armistício, que tiveram lugar no passado dia 11 de Novembro e tiveram como evento principal as celebrações que decorreram no Centro de Convenções de Winnipeg, onde participaram cerca de cinco mil pessoas.

Paulo Jorge Cabral, Cônsul de Portugal em Manitoba (Canadá), associou-se ao núcleo da Liga participando nas referidas celebrações.

Muitas individualidades, em representação de entidades civis e militares fizeram-se representar, destacando-se a presença de Janice Filmon, Governadora da Província de Manitoba, Brian Pallister, Premier da Província de Manitoba, Jim Carr, Ministro Federal dos Recursos Naturais, Brian Bowman, Presidente da Câmara Municipal de Winnipeg, representantes dos três ramos das Forças Armadas Canadianas, e várias associações de veteranos. Mais uma vez e como tem sido habitual, Pedro Correia e



Luís Vicente, em representação do Núcleo de Winnipeg da Liga dos Combatentes, foram incumbidos de depositar a grinalda de flores junto do monumento do soldado falecido.

Após estas celebrações os membros do núcleo de Winnipeg deslocaram-se ao Cemitério Chapel Lawn, e junto ao Monumento em homenagem aos Combatentes por Portugal realizaram uma pequena cerimónia, onde foi deposita-

da uma grinalda pelo Cônsul de Portugal, em memória de todos os combatentes falecidos.

O Dia do Armistício simboliza o fim simbólico da Primeira Guerra Mundial em 11 de novembro de 1918.

A data comemora o Armistício de Compiègne, assinado entre os Aliados e o Império Alemão em Compiègne, França, pelo fim das hostilidades na Frente Ocidental. 🇺🇦

Participação no Levy de Ano Novo

Mais um ano se passou e como é hábito, os Veteranos Portugueses receberam um convite para participar neste Evento, que decorreu em Winnipeg no passado dia 1 de Janeiro.

O Coronel Joell Roy (Ret.) acompanhou o grupo, visto ser membro do Núcleo da Liga dos Combatentes de Winnipeg, usando a mesma farda composta por casaco, gravata, e respetivo emblema. A primeira paragem foi na Base Aérea 17 Wing, onde a comitiva portuguesa, de autocarro foi conduzida a vários departamentos militares.

Segunda paragem em Fort Garry Horse, onde foram recebidos na Messe dos Oficiais pelo Comandante da Unidade. Presentes encontravam-se muitos Veteranos e Oficiais no ativo, conhecidos dos veteranos portugueses.

De seguida o grupo deslocou-se para o Departamento da Marinha, cujo Comandante os recebeu e onde havia café



à disposição, para todos os que se encontravam presentes.

De seguida a comitiva seguiu para o Minto Armory no West End, Quartel dos Winnipeg Rifles e onde, além de outros está o Museu Militar do Exército Canadano em Manitoba.

De regresso ao 17 Wing, onde foi servido um lanche ligeiro e onde foram muito bem recebidos, como sempre, pelos dois Generais e John Reiz, enviado especial para Assuntos Militares do Governo da Província de Manitoba. Houve um convívio muito positivo e salutar entre os Generais e Veteranos Portugueses. Na última etapa, a comitiva

foi recebida pela Governadora Janice Filmon, representante da Rainha em Manitoba. Todos os membros da comitiva foram anunciados um por um, para apresentar cumprimentos à Governadora e seu marido, Garry Filmon, e aos Generais que se encontravam presentes.

A comitiva portuguesa foi apresentada a muitas entidades, incluindo o Cônsul da Holanda. "Foi uma grande honra para nós" disse Pedro Correia, Presidente do Núcleo de Winnipeg da Liga dos Combatentes, concluindo acrescentou "É um convívio muito agradável que tivemos oportunidade de usufruir." 🇺🇦

Maria José Correia (Texto)
Fátima Sousa (Fotografias)



Santarém

Diário do Prisioneiro de Guerra
Francisco Caio Falcão

Teve lugar no passado dia 22 de dezembro, no Museu do Combatente-Forte do Bom Sucesso (Belém), em Lisboa, a apresentação e divulgação de uma memória autobiográfica.

O Diário em questão trata do período de cativo como “Prisioneiro de Guerra” e da “vida na Índia Portuguesa” de Francisco da Silva Caio Falcão, Capitão de Cavalaria e médico veterinário, pertencente ao Exército Português, destacado em Goa, durante o difícil processo de independência. Através das cartas e do Diário que lá escreveu entre 1961 e 1962 transmite um testemunho raro e importante da aventura portuguesa em Goa.

O referido evento, contou com a presença de cerca de 60 pessoas, incluindo os vários convidados, nomeadamente, Francisco Falcão, filho do autor, Ana Macedo, Historiadora pertencente à Associação do Arquivo dos Diários, Miguel



Bandeira, Prof. e Investigador da Universidade de Coimbra, Presidente da Liga dos Combatentes, Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues, a quem couberam as palavras de encerramento do evento e o Presidente do Núcleo de Santarém da Liga dos Combatentes, Carlos Pombo, tendo o mesmo efetuado também uma intervenção sobre alguns momentos passados da vida do referido autor do Diário.

Francisco da Silva Caio Falcão nasceu em 23 de março de 1922 na Zebreira – Idanha-a-Nova, foi casado e pai de dois filhos. Em junho de 1974, foi colocado na Escola Prática de Cavalaria, radican-

do-se desde essa mesma data na cidade de Santarém.

Após a sua passagem à situação de Reserva, já com a patente de Coronel, tornou-se Sócio da Liga dos Combatentes de Santarém, onde desempenhou o cargo de Presidente de 21 de junho de 1978 até à data do seu falecimento em 06 de dezembro de 1984.

Os seus restos mortais encontram-se inumados na campa nº 21 do Talhão da Liga dos Combatentes, no Cemitério Municipal de Santarém. 📍

Organizado pelo Depto. de Marketing do Museu do Combatente.

Abrantes

O Núcleo de Abrantes em parceria com a Câmara Municipal de Ponte de Sor, realizou no Campo da Restauração daquela cidade, a inauguração do Memorial aos Combatentes da Guerra do Ultramar do Concelho de Ponte de Sor. Estiveram no local várias entidades civis e militares, das quais destacamos, General Chito Rodrigues, Major-general Aníbal Flambó em representação do General CEME, representante do Secretário de Estado da Defesa Nacional, Dr. Pedro Ferreira, Presidente da ADFA, Comendador José Arruda, representante do Cmdt da BrigMec, Tenente-coronel João Barros, representante do Comando Territorial da GNR de Portalegre Tenente-coronel Belchior, Presidente da CM de Ponte Sor, Eng.º Hugo Hilário. Marcaram presença com os seus Guiões, os Núcleos de Abrantes, Entroncamento, Mora, Portalegre,



Santarém, Tomar e Torres Novas. A Cerimónia de inauguração teve início com as honras militares e deposição de flores junto ao Monumento, e seguiram-se os discursos do representante da Comissão instaladora do Memorial, o combatente António Sousa Esteves, Presidente do Núcleo de Abrantes, Sérgio Matos, General Chito Rodrigues

e o Presidente da CM de Ponte de Sor, Eng.º Luís Pereira Hilário. Foi realizada a bênção do Monumento pelo diácono permanente, Luís Miguel Esteves.

Concluída a cerimónia, as entidades convidadas deslocaram-se para um restaurante da cidade onde decorreu um almoço que proporcionou um salutar convívio entre todos os presentes. 📍

Castelo Branco

Monsanto - Memorial aos Combatentes

Foi inaugurado, em Monsanto da Beira Baixa, um Memorial em Homenagem aos Monsanto Mortos em defesa da Pátria (1 na Primeira Guerra Mundial e 8 na Guerra do Ultramar), perpetuando-se, assim, a sua memória.

Compareceu no local para além dos familiares dos falecidos e das entidades convidadas (civis e militares), muitos Monsanto e amigos que quiseram associar-se a esta merecida homenagem. Em representação das entidades convidadas, estiveram presentes o Coronel Manuel Veloso, Presidente do Núcleo de Castelo Branco da Liga dos Combatentes, o Presidente da CM de Idanha-a-Nova, Armindo Jacinto, o Rev. Padre Adelino Lourenço, pároco de Monsanto, o Tenente-coronel Fernando Miranda, 2º Comandante Territorial da GNR de Castelo Branco, o 1º Sargento Jony Nabais, Comandante do Posto da GNR de Monsanto e António Pereira, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Monsanto.

O evento teve início com a “Cerimónia de homenagem aos militares mor-

tos em defesa da Pátria” realizada por uma secção do RI 15, de Tomar. Após a cerimónia militar deu-se início à inauguração com a intervenção do Padre Adelino, que procedeu a uma evocação religiosa e à bênção do Memorial, deixando uma palavra de apreço pela iniciativa. Seguiu-se o descerramento de uma placa com os nomes dos militares falecidos em defesa da Pátria e a deposição de uma coroa de flores. De seguida usou da palavra Paulo Monteiro, Presidente da Junta da União das Freguesias de Monsanto e Idanha-a-Velha (entidade responsável pela obra), dizendo que “com este Memorial, quis a Junta, em representação do povo de Monsanto, prestar uma singela mas sentida homenagem aos bravos Monsanto que um dia juraram defender a Pátria nem que fosse com o sacrifício da própria vida”, explicando que, como tributo à história de Monsanto, o monumento é composto pelo seu antigo Brasão de Armas, que integra a águia imperial romana, símbolo de ocupação romana, e pela esfera armilar, divisa do rei D. Manuel I.

O Coronel Manuel Veloso proferiu uma alocução alusiva ao ato, manifestando que “foi com imensa satisfação que a Liga dos Combatentes, nomeadamente



o Núcleo de Castelo Branco, se associou a este evento, iniciado por gente da terra e promovido pela CM de Idanha-a-Nova, que com este gesto nos recordam que são um povo com referências, valores e história”. Por último, interveio o Presidente da CM de Idanha-a-Nova, destacando que o Memorial “é demonstrativo de que os Monsanto e o povo idanhense, em geral, orgulha-se da sua história” e que “temos a responsabilidade de preservar a nossa memória e esta homenagem é disso exemplo: é feita com as gentes de Monsanto e para as gentes de Monsanto” 📍

Oliveira de Azeite

O Núcleo de Oliveira de Azeite, comemorou o seu 89.º Aniversário, cerimónia presidida por Joaquim Cabete, presidente do Núcleo e testemunhada pelo Dr. Rui Cabral, Vice-presidente do município, Major José Reis do AM1, SCh Augusto Vidal, Professor Almeida Gomes, Presidente da Direcção dos Bombeiros Voluntários de Oliveira de Azeite, Presidentes dos Núcleos da Liga dos Combatentes de Aveiro, Espinho, Oliv. do Bairro e Macieira de Cambra, Presidente da Delegação da Associação de Comandos de Oliv. de Azeite, todos os elementos da Direcção e Associados do Núcleo de Oliveira de Azeite e famílias. Foi depositada uma coroa de flores, junto ao Monumento dos Combatentes



do Ultramar, e respeitado um minuto de silêncio.

A cerimónia prosseguiu no auditório da Biblioteca Municipal, com a condecoração de 12 combatentes da Guerra do Ultramar, com a Medalha Comemorativa das Campanhas das Forças Armadas.

Foram agraciados com o Medalhão do Núcleo e o Testemunho de Apreço, os associados que completaram 50 e 25 anos de vínculo à Liga dos Combatentes. Após o encerramento da cerimónia, seguiu-se o almoço convívio que reuniu noventa pessoas entre convidados e associados. 📍

Coimbra

Inauguração de Monumento de Homenagem aos Combatentes do Ultramar Figueiró do Campo, Soure

Por iniciativa da Junta de Freguesia de Figueiró do Campo e dos seus Combatentes, com o apoio do Município de Soure e do Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes teve lugar a inauguração de um Monumento de Homenagem aos Combatentes do Ultramar.

As cerimónias iniciaram-se com a apresentação de honras militares ao Coronel Faustino Lucas Hilário, Secretário-geral da Liga dos Combatentes pela força militar presente e posteriormente o içar das Bandeiras com a Sociedade Filarmónica Recreativa e Beneficente Vilanovense, sob a direção do Maestro Tiago Filipe

Maia Leal que tocou o Hino Nacional.

Seguidamente procedeu-se à inauguração do Monumento pela entidade que presidiu à cerimónia, o Presidente da Câmara Municipal de Soure, Mário Jorge Nunes, acompanhado pelo Coronel Faustino Hilário, pelo Presidente da Junta de Freguesia de Figueiró do Campo, Jorge Neves Branco e pelo Presidente do Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes, Tenente-coronel João Paulino.

Após a bênção do Monumento pelo Reverendo Padre Jorge Germano, pároco da Freguesia, procedeu-se à colocação de coroas de flores, homenagem aos

mortos caídos em combate, uma prece efetuada pelo Padre Jorge Germano e o Toque de Alvorada. As intervenções alusivas ao evento foram proferidas pelo Presidente da Junta de Freguesia de Figueiró do Campo, pelo Secretário-geral da Liga dos Combatentes e pelo Presidente da CM de Soure. A cerimónia encerrou com o Hino da Liga dos Combatentes tendo a cerimónia encerrado com um convívio entre todos os presentes.

As honras militares foram prestadas por uma secção de militares do Regimento de Artilharia nº 4, de Leiria e um clarim da Fanfarra de Coimbra do Exército. 



Condecoração de Combatentes do Ultramar com a Medalha Comemorativa das Campanhas

Em 07 de Fevereiro de 2018, realizou-se uma cerimónia de imposição de condecorações a Combatentes do Ultramar com a Medalha Comemorativa das Campanhas, esta teve lugar na Parada Dr. Aurélio Trindade no Quartel-general da Brigada de Intervenção, onde estiveram presentes os homenageados, suas famílias e militares da Brigada de Intervenção.

Presidiu à cerimónia o Comandante da Unidade de Apoio da Brigada de Intervenção, Tenente-coronel António Augusto Vicente, estando também presente uma Delegação do Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes.

Foram condecorados com a Medalha Comemorativa das Campanhas os seguintes Combatentes:

Alf Agostinho de Jesus Mendes, Angola 1973-74; 2Sarg Edmundo Alexandre da Silva Gil, Angola 1970-72; Fur João da Costa Paulino, Moçambique 1968-70; 1Cb José Leite Soares, Angola 1972-74; 1Cb Arménio dos Santos Teixeira, Angola 1963-65; Sold Manuel de Sousa, Angola 1969; Sold Manuel de Sá Baio, Guiné 1968-70; Vítor Manuel Ganzalez Rosete, Angola 1969-71; Raúl Gomes, Moçambique 1968-70; Paulo Sérgio Simões da Silva, Angola 1969-71; António José Maneja de Freitas, Angola 1965-67; Manuel dos Santos Veiga Monteiro, Guiné 1970-72; João Ezequiel Hernandez de Oliveira, Angola 1971-73; Manuel José Fernandes Pinto Ferreira, Moçambique 1966-68; Adelino Gonçalves, Angola 1971-73; David Dias Pinheiro, Moçambique 1974-75 e Mário dos Santos Simões, Guiné 1970-72. 



Faro

Em Santa Bárbara de Nexe, freguesia do concelho de Faro foi inaugurado um monumento em homenagem aos Combatentes da Guerra do Ultramar daquela freguesia, obra construída e suportada financeiramente pela CM de Faro. Neste monumento, construído em pedra da zona e colocado no jardim público da povoação, poderão ser observadas as gravações na própria cantaria, dos brasões das oito colónias portuguesas, assim como o nome da grande maioria dos Combatentes desta terra.

À cerimónia, que contou com a presença de entidades civis e militares, membros dos Núcleos da Liga dos Combatentes de Faro e Loulé, associaram-se mais de duas centenas de pessoas, entre combatentes, familiares e amigos.

O programa iniciou-se com uma concentração junto do cemitério local, onde se procedeu a uma romagem às campas de dois combatentes mortos no cumprimento da sua missão e onde foram depositados, pelos seus familiares, dois ramos de flores, sendo aqui também lembrados pelo orador, Amaro Ruivinho, os que, entretanto, já partiram. Seguiu-se depois na igreja matriz, completamente cheia, uma missa de



Ação de Graças, celebrada pelo pároco da freguesia, José Pedro Martins, que fez uma referência aos sacrifícios a que foram sujeitos os combatentes na guerra do ultramar.

Posteriormente celebrou-se a cerimónia de inauguração do memorial, iniciando-se com o içar da bandeira nacional pelo TCor Hélder Estriga, filho de um dos combatentes da freguesia, ao toque do clarim do Joaquim Nunes de Loulé, seguindo-se o descerramento da placa evocativa pelo Presidente da CM de Faro, Dr. Rogério Bacalhau e pelo promotor do projeto, J. Coelho Mestre, também ele combatente.

Seguiu-se a Bênção dada pelo cônego José Pedro e a deposição de duas rosas vermelhas, pelos familiares, sobre os nomes daqueles que tombaram nesta guerra em nome de Portugal.

Depois de uma curta pausa, deu-se continuidade ao programa com algu-

mas intervenções que enalteciam o papel desempenhado pelos combatentes que mereceram admiração e respeito pelos presentes e saudade pelos que já partiram, salientando-se a importância do monumento como um marco para memória futura, tendo sido o primeiro interveniente Ângelo da Silva do Núcleo da Liga dos Combatentes de Loulé, seguindo-se J. Coelho Mestre, o presidente da Junta de Freguesia, Dr. Sérgio Martins, presidente do Município de Faro, Dr. Rogério Bacalhau e finalizando com a leitura de dois poemas alusivos ao ato, pelos seus autores, os combatentes Adolfo Contreiras e José Cristina.

A cerimónia terminou com a distribuição a todos os combatentes, de um exemplar do livro "Imagens de Missão" da autoria de Coelho Mestre, acompanhado de um beberete a todos os presentes.

Viseu

Palestra no âmbito das comemorações do centenário da Grande Guerra

Realizou-se nas instalações do RI 14, mais uma das atividades do núcleo de Viseu da Liga dos Combatentes, no âmbito das comemorações do centenário da Grande Guerra, com a participação do Agrupamento de Escolas de Nelas. Estiveram presentes cerca de cem alunos de estabelecimentos de ensino daquele agrupamento.

Os trabalhos iniciaram-se com a apresentação feita por alunos de escolas do agrupamento, do levantamento de memorabilia de combatentes da Grande Guerra naturais de diversas localidades do concelho de Nelas. Em seguida, a Dra. Isabel Sampaio, professora da disciplina de História da Arte, procedeu à apresentação de uma original recolha de elementos biográficos



de alguns desses combatentes. A concluir os trabalhos da parte da manhã, o Coronel Pedro Esgalhado proferiu uma interessantíssima palestra sobre a Grande Guerra tendo de seguida respondido a questões colocadas pelos estudantes. Da parte da tarde, o Regimento de Infantaria nº 14 ofereceu aos participantes uma visita guiada ao seu museu, bem como a oportunidade de presenciar a apresentação da evolução das Bandeiras Nacionais, desde a fundação da nacionalidade até aos nossos

dias, patente nas instalações do regimento. Após terem assistido à apresentação seguiu-se uma visita guiada às instalações onde se encontram as viaturas Pandur II 8*8 que equipam o 2º Batalhão Infantaria Mecanizado Rodas.

O Núcleo de Viseu da Liga dos Combatentes congratula-se com a maneira empenhada como o Agrupamento de Escolas de Nelas aderiu à iniciativa agradecendo ao Regimento de Infantaria nº 14 a colaboração prestada no desenvolvimento de mais uma atividade.

Vizela

5ª Gala da Rádio Vizela

Realizou-se acompanhar do Coordenador do CEAMPS (Centro Estudos Apoio Psicológico e Social), Coronel António Correia ao Núcleo de Vizela. O objetivo da visita foi assistir na noite de 03 março, à 5ª Gala da Rádio Vizela, cerimónia local que distingue em diferentes categorias aqueles que se evidenciaram ao longo do ano anterior, nas artes, empresas, desporto, espectáculo, ciência e investigação, solidariedade, cultura e educação, bem como no associativismo. Todos os anos a entrada é gratuita, mas prevê uma oferta monetária (donativo) pelo público presente. Este ano a Causa Social escolhida foi o Núcleo de Vizela, cujo donativo reverteu para o nosso projecto CAMPS Norte, a aplicar em Vizela, no acompanhamento aos Combatentes e seus familiares, em consultas, bem como nos projectos



DESPENSA-SE (alimentação em géneros) e no MEDICAMENTO SOLIDÁRIO (apoio com medicação), que tiveram início em 2017.

Após chegar a Vizela, o Presidente da LC e o Coordenador do CEAMPS, almoçaram com o Presidente da Câmara Municipal de Vizela, Dr. Vítor Hugo Salgado, Vice-presidente Joaquim Meireles, Presidente da Junta Freguesia da cidade, Mário José Oliveira, General

Cipriano Alves e o com o Presidente do Núcleo Local, SChTm Res José Manuel Oliveira. Seguiu-se uma reunião e apresentação de cumprimentos ao Presidente e Vereadores Municipais, na Câmara Municipal. Ainda à tarde, ouve tempo para visitar a Unidade de Cuidados Continuados e o Lar, Centro de Dia, da Santa Casa da Misericórdia de Vizela, a que se seguiu uma visita ao património turístico local.

Ajude-nos a Ajudar
Contribua com 0,5% do seu IRS para a Liga dos Combatentes **sem quaisquer custos para si.**

Na sua declaração preencha:

Modelo 3

Quadro 11

Campo 1101

11 CONSIGNAÇÃO DE 0,5% DO IRS/CONSIGNAÇÃO DO BENEFÍCIO DE 15% DO IVA SUPORTADO				
ENTIDADES BENEFICIÁRIAS				
Instituições religiosas (art.º 32.º, n.º 4, da Lei n.º 16/2001, de 22 de junho)	<input type="checkbox"/>		NIF	IRS IVA
Instituições particulares de solidariedade social ou pessoas coletivas de utilidade pública (art.º 32.º, n.º 6, da Lei n.º 16/2001, de 22 de junho)	<input checked="" type="checkbox"/>	1101	500 816 905	<input checked="" type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
Pessoas coletivas de utilidade pública de fins ambientais (art.º 14.º, n.º 5 e 7, da Lei n.º 35/98, de 18 de julho)	<input type="checkbox"/>	1102	NIF	IRS



VETERANOS DAS UNIDADES MILITARES POVEIRAS - A 35ª Confraternização dos Veteranos das Unidades Militares Poveiras, realizou-se na Póvoa de Varzim no passado dia 18 de novembro 2017.



SARGENTOS DE ARTILHARIA (SERRA DO PILAR) Mário A. Peniche, sócio nº 170.083, divulga que os Sargentos de Artilharia das Unidades sediadas na Serra do Pilar, reuniram-se no IASFA - CAS Porto, para comemorarem a efeméride. Aí foi celebrada uma missa pelo reverendo padre, Fernando Rogério A. Costa, sufragando as almas dos militares falecidos. Terminada a celebração seguiu-se um Almoço-convívio onde participaram cerca 30 pessoas. Contacto: mario-peniche@hotmail.com



COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR 233 - Alfredo Chitas, sócio nº 167.039, divulga que o Almoço-convívio da Companhia de Polícia Militar 233 (Angola 1961/63) realizou-se no dia 23 de setembro de 2017 em São Pedro de Moel. Contacto: alfredo.chitas@gmail.com



BATALHÃO DE CAÇADORES 2613 - Edgar Moreno, Sócio nº 168.830, divulga que realizou-se no passado dia 12 de maio o Almoço-convívio da CCaç2613, do BCaç2891, que cumpriu a sua comissão no norte de Angola, Mucaba, em 1969/70/71. A todos os camaradas e seus familiares, agradecemos a sua participação, para nós que organizamos, é um motivo de alegria reunir novamente os camaradas que nos quiserem honrar com a sua presença assim como dos respetivos familiares, não deixem de responder à nossa chamada, esperamos contar com a presença de todos. O Almoço Convívio realizou-se no Restaurante Litoral, situado na EN 1 - IC 2, entre Leiria e Pombal. Contacto: edjosemoreno@gmail.com



BATALHÃO DE CAÇADORES 1892 - José Oliveira da Silva, sócio nº 177.890, divulga que em 02 de dezembro passado o BCAÇ 1892 e o Pelotão de Morteiros 1120 comemoraram em Barcelos a passagem dos 49 anos do regresso da missão militar cumprida em Angola desde Agosto de 1966 a Novembro de 1968, na região dos Dembos e na região da Lunda Norte, em confraternização que decorreu em ambiente de júbilo e fraternidade, a qual se repetirá no próximo ano em Fátima para celebrar a passagem do cinquentenário do final da comissão, em data desde já prevista para a última semana de setembro. Contactos: José Silva 913 800 865; David Roque 937 524 543.

Atividades na Residência São Nuno de Santa Maria, Estremoz

“Mestre Rolo-Tesouro da Arte Popular de Estremoz”

A Residência São Nuno de Santa Maria, em Estremoz teve o privilégio de acompanhar Joaquim Carriço, “Mestre Rolo”, utente da Residência e que foi agraciado com uma cerimónia de homenagem promovida pelo Museu Professor Joaquim Vermelho ao seu trabalho como artesão. Na exposição foram expostas 22 peças, parte delas do acervo do Museu e outras de particulares.

São objetos que fizeram parte de um quotidiano já longínquo e essencialmente rural, com função utilitária, decorativa ou simplesmente lúdica. Trabalhadas em diferentes materiais, a



madeira, o chifre e ramagens. O momento foi emotivo para o “Mestre Rolo” e de grande honra para a nossa Residência em virtude de ser um utente com grande valor cultural e reconhecido tanto a nível regional como nacional. 

Visita a Adega

Visitou-se uma das muitas adegas que existem na região, a Quinta da Esperança/Encostas de Estremoz. Inserida no Plano Anual de Atividades de 2018 a atividade veio dar a conhecer parte da cultura da região onde está inserida, o Alto Alentejo, bem como proporcionar um momento de descontração e convívio entre Residentes.

Participaram nesta visita cerca de uma vintena de Residentes, que percorreram a adega e conheceram todo o processo de fabricação do vinho, tendo terminado com a tradicional prova de vinhos que deliciou todos os quantos dela fizeram parte. 



Carnaval

A Residência São Nuno de Santa Maria não deixou passar ao lado a época festiva de Carnaval.

Preparam-se os enfeites, Residentes e colaboradores fantasiaram-se, ligou-se a música e “deu-se um pé de dança” e, foi assim que se reuniram os ingredientes para a diversão e alegria que contagiou todos. 



Forte de Santo António do Estoril e o famoso Tamariz

Síntese histórica

É incalculável contabilizar os frequentadores do Tamariz que ao ultrapassar a entrada da prestigiada e fina casa de chá da praia de Santo António do Estoril, se deram conta de terem estado num dos antigos pontos fortificados da Linha de Defesa de Belém até ao Gincho, com a Direcção de D. António Luís de Meneses, mandada edificar depois da Restauração da Independência de 1640.

Denominação de duas fortificações provenientes de um convento

No reinado de D. João III (1527), por alvará régio, foi determinado que a Ermida consagrada a São Roque, que ali existia já há longos anos em terrenos da pertença do Casal do Estoril, fosse substituída, para assim dar lugar à construção e sua edificação do Convento de Santo António, que existe ainda hoje com outras actividades, e a igreja da mesma invocação, bem conhecida de todos aqueles que frequentam esta praia.

A referida casa religiosa surgiu, para passados 52 anos, dar nome a duas fortificações, tendo sido dado à primeira a denominação de Fortaleza de Santo António da Serra. A edificação da citada Fortaleza, foi ordenada por Filipe I em 1590, com a mestria de Frei João Vicencio Casale. A Segunda foi denominada Forte de Santo António do Estoril, edificado logo após a Restauração.

O litoral e sua defesa

Por ordem do Conde de Cantanhede, D. António Luís de Meneses, foi construída uma pequena fortificação muito semelhante às suas congéneres, compunha-se de uma bateria direccionada para o mar, uma casa forte em forma de abóbada, à retaguarda sobre a qual existia ainda um terraço lajeado. Teve início a sua construção, conforme a inscrição de uma lápide, colocada numa das paredes da antiga bateria (09.07.1642). Porém, e devido a certas vicissitudes da altura, já no ano de 1646 o forte se devia encontrar concluído, dado que em 25 de Junho desse mesmo ano, por despacho do Conselho de Guerra foi mandado fazer a sua entrega ao Capitão Francisco Viegas, Comandante da Praça de Cascais para que o mesmo ficasse à sua guarda e vigia. Era composta a sua guarnição de 1 Cabo, 3 artilheiros e 12 Soldados, a Fazenda Real, tinha um dispêndio mensal de 338\$400 reis.



Em plena entrada do ano de 1712, quando a 04 de Janeiro do mesmo ano, faleceu com 83 anos de idade, o Cabo Lopo Fernandes que a 22 de Fevereiro de 1705, se reformou, deixando para o efeito de comandar o Forte de Santo António, os restos mortais do Cabo Lopo Fernandes, foram sepultados na igreja de Nossa Senhora da Assunção. O Cabo Lopo Fernandes, recebeu o seu baptismo na Freguesia de São Martinho (Sintra), a 17 de Fevereiro de 1629, na época dos Filipes, e ao completar 19 anos de idade, a 21 de Abril de 1648, assentou praça em Cascais de onde no ano de 1657 é colocado na fronteira do Alentejo, onde fez toda a Guerra da Restauração, até à sua vinda até Cascais, em 1666. Sendo no ano seguinte transferido, para prestação de serviço na Amadora, sendo novamente transferido em 16 de Dezembro de 1669, para fazer parte da guarnição da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz de Cascais, onde permaneceu até 1678.

Foi nomeado Cabo do Forte de Santo António do Estoril, em 05 de Abril de 1685. Não obstante a sua grande actividade, e a sua não menos participação na Guerra da Restauração, os anos que se lhe seguiram ter continuado ao serviço do Rei. O Cabo Lopo Fernandes, conseguiu arranjar tempo para se Ter casado três vezes, sendo a data do seu primeiro casamento em 1655, seguido de mais dois nos anos de 1672 e 1687, respectivamente, com Bernardina, Mariana e Isabel. Todavia outros Cabos-governadores se lhe seguiram, tal como Manuel Fernandes, em 1720, quando dispunha a fortificação de 5 peças de artilharia, mas desmontadas pelo Coronel Francisco de Assis da Cunha, no ano de 1766.



Castello Martins de Barros

1556

De certo autor, da qual nada se sabe (ignorado), há uma iconografia desta fortificação, que se supõe seja reproduzida, sendo a sua origem de um codicilo, que pertenceu à Casa Cadaval e presentemente se localiza no Instituto Nacional/Torre do Tombo.

O referido desenho reproduz, sem sombra de dúvida, o Forte de Santo António no seu esboço original.

Era artilhado este Forte de Santo António por uma peça de ferro de 24 milímetros e duas de 12 milímetros. Tendo sido desmontadas durante a Guerra Civil, ocorrida entre D. Pedro e D. Miguel, a citada fortificação teria sido mandada reedificar, mas segundo relatos da época, não chegou a ir para lá das intenções, não chegando mesmo a Ter qualquer tipo de guarnição.

Após o tratado de Paz de Évora-Monte, no ano de 1836, foi governada interinamente a fortificação pelo Major Domingos José da Silva, sendo nomeado oficialmente para o cargo de governador, a 06 de Novembro de 1874.

Da alegação de Francisco Pedro Celestino Soares, como consta do Almanaque Militar do mesmo ano. O Major reformado Vicente Frederico Scarmichia, foi em 1891 o último oficial, ao que tudo indica, a comandar esta fortificação.

A chegada do caminho-de-ferro

Com a inauguração do traçado da Linha Férrea de Cascais, em 30 de Setembro de 1889, passando esta tão próximo da praia de Santo António do Estoril, rasgando uma grande área dos terrenos da zona de protecção das três fortificações aí existentes, tais como Forte da Cruz de Santo António, Santo António e São Roque, os mesmos Fortes acima referidos, tornaram-se completamente inúteis e desnecessários.

Com a notícia da chegada do Caminho-de-ferro ao Estoril,

houve desde logo uma grande procura de terrenos para posterior aquisição. Ernesto Driesel Schroter, pessoa de renome, financeiro e político de relevo, Ministro do Governo de João Franco, Governador do Banco de Portugal e ainda Governador da Real Companhia dos Caminhos de Ferro, foi um dos primeiros a chegar, tendo adquirido no ano de 1891, a antiga Quinta do Estoril e todos os terrenos adjacentes de um e outro lado da via férrea.

Casa de praia proveniente de fortificação

É adquirido em hasta pública a 05 de Março de 1894, por Ernesto Driesel Schroter, duas parcelas de terreno, com a superfície de 313,2 metros quadrados pela quantia de 668 mil réis, situando-se uma delas, a sul da via férrea, como registo da Carta de Venda nº 26283-A, onde se localizava o Forte de Santo António.

No nº 31 da «Revista Branco e Negro», de 01 de Novembro de 1896, fazia referência à apresentação de uma fotografia desta antiga fortificação já com as adaptações de residência estival, com a denominação de Chalé do Senhor Ernesto Driesel Schroter.

Termina deste modo a história do Forte de Santo António do Estoril, com forte ligação ao Tamariz. 📍

Por 1.SAR/REF Abel F Almeida

Fontes:

Almanaque Militar, NOV de 1874;

Revista «Branco e Negro», nº 31 de NOV 1896;

Instituto Nacional/Torre do Tombo, 1693;

Casa Cadaval;

Livro Grandezas de Lisboa, de Frei Nicolau de Oliveira, 1620.

Tertúlias “Fim do Império”

Palácio da Independência

197ª Sessão, realizada em Lisboa, no Palácio da Independência. Apresentação dos livros “**Grupos Especiais Paraquedistas, GEP/Moçambique**” do SCh. Pára Sucena do Carmo, “**Tropas Paraquedistas, a História dos Boins Verdes Portugueses, 1956/93**”, do Tenente-coronel Pára Silva Machado e Sargento-chefe Pára Sucena do Carmo, e “**Páras**” do Comdt. Jonh Can, pelos autores dos dois primeiros livros. Presidiu à sessão o Presidente da CPHM Tenente-general Sousa Pinto, que fez uma intervenção



sobre o livro “**Páras**”. Na mesa, também presente o Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes, Tenente-general Chito Rodrigues e os autores já referidos. A sessão contou com 29 presenças, sendo de assinalar, de entre outras, a intervenção do editor Doutor Pedro de Avillez.

Academia Militar, Amadora

198ª Sessão, realizada na Amadora, na Academia Militar, presidida pelo 2º Comandante Brigadeiro-general Baptista. Apresentação do Programa “**Fim do Império**” pelos, Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes, Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues, membros da Comissão de Representantes no Programa, Presidente do Núcleo de Oeiras/Cascais da Liga dos Combatentes, Superintendente Isaías Teles e Secretário-geral da CPHM Coronel José Banazol. A sessão contou com 356 presenças (cadetes alunos e oficiais do Corpo de Alunos da Academia Militar).



Porto

199ª Sessão, realizada no Porto, na Messe de Oficiais da Batalha. Apresentação dos livros da coleção “**Fim do Império**”, “**Kinda e Outras Histórias de Uma Guerra Esquecida**” e “**Histórias de Uma Bala Só**” do Maj. Av. Carlos Acabado, pelo moderador da sessão Coronel José Montez, seguida de uma exposição sobre a “**Bósnia**” pelo Superintendente-Chefe Barreira, apresentada pelo Superintendente Isaías Teles representante da LC no Programa. A sessão foi iniciada, com a intervenção do Presidente do Nú-



cleo do Porto da LC, Cor. Glória Belchior TGen. Fonseca e Sousa e do Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes Tenente-general Chito Rodrigues. A sessão contou com 39 presenças.

Oeiras - Livraria-Galeria Verney

200ª Sessão, realizada em Oeiras, na Livraria-Galeria Municipal Verney. Apresentação do livro “**Fuzileiros Especiais. Prontos para o Combate**” do Dr. Vasconcelos Raposo, pelo Dr. Serafim Lobato. A sessão iniciou-se com a intervenção do Presidente do Núcleo de Oeiras/Cascais da Liga dos Combatentes, Superintendente Isaías Teles, tendo-se seguido o editor Dr. Baptista Lopes, o autor, o moderador da sessão e de vários assistentes, sendo de destacar a do CAIm. Martins Guerreiro. A sessão contou com 32 presenças.

Palácio da Independência

201ª Sessão, realizada em Lisboa, no Salão Nobre do Palácio da Independência. Apresentação do 32º Livro da Coleção Literária “**Fim do Império**”, “**Guiné Bolama – Histórias e Memórias**” do Engº. Tabanez Ribeiro, pelo General Sousa Pinto.

A sessão iniciou-se com as palavras de boas vindas pelo Presidente da CPHM General Sousa Pinto que presidiu à sessão, e as intervenções do Ed. da Âncora Editores. Dr. Batista Lopes, do apresentador do autor Engº. José Alvares, e a encerrar a sessão a do Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes, General Chito Rodrigues. A sessão contou com mais de 140 presenças.



CAMBRIDGE SCHOOL
PORTUGAL

Educação: o seu melhor investimento.

Investir em educação é a melhor forma de atingir objetivos pessoais e profissionais, alargar oportunidades e construir um futuro melhor.

www.cambridge.pt

INGLÊS | FRANCÊS | ALEMÃO | PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Tome nota

Museu do Combatente

Av. Brasília (junto à Torre de Belém)

Exposição evocando a batalha de La Lys e o Armistício de 9 de Abril a 11 Novembro 1918

A apresentar proximamente, esta exposição, associada às homenagens do Centenário da Grande Guerra, este ano celebradas no dia 9 de abril em França com presença no cemitério de Richebourg, no Monumento de La Couture, e nos municípios de Arras e Lille, e posteriormente a 14 de Abril no Mosteiro da Batalha, mostra um pedaço da nossa história homenageando os nossos valorosos militares no inferno da Flandres, e no aspecto educativo constitui a transmissão das memórias à juventude e adultos.

Após visitarem estas exposições evocativas da Batalha de La Lys e do Armistício, bem como a da Grande Guerra ao Vivo Evocando a Paz, completam com a entrada na Trincheira, com luz e som (com marcação), uma experiência ímpar dos soldados na Grande Guerra.

Com marcação poderão participar no workshop de construção de trincheiras, levando para casa uma peça de 30x20 cms que evoca a vida do soldado na Grande Guerra.

mkt museu combatente



A Trincheira

Mostra-nos com realismo dramático, hiper-realista, em 3 dimensões com manequins em tamanho natural e pelos efeitos de luz e som inseridos, a vida do soldado português na Flandres... As saudades de casa, as conversas em momentos de descanso e até naqueles em que a realidade envolvente impossibilitava conciliar o sono pelos rebentamentos sucessivos, a alimentação e confeção de alimentos possíveis, os ataques de pânico, os feridos, o sair do abrigo provisório da trincheira para o combate corpo-a-corpo e destruidor na terra de ninguém onde os efeitos de luz fazem realçar o Cristo das Trincheiras, réplica do que se encontra no Mosteiro da Batalha e para aí levado em 1958 pela Liga dos Combatentes após pedido do Governo Português a França que nos dessem o Cristo que esteve sempre nas nossas linhas... O armamento usado, as comunicações, a saúde até à assinatura do Armistício de 11 de novembro 1918 na floresta de Compiègne em França, na carruagem representativa do ato e tendo como representantes o Marechal Foch, o Almirante Weymiss e o alemão Matthias Erzberger, entre outros.



História da aviação do séc. XX

Cerca de 500 modelos em escala, desde o dos irmãos Wright até aos atuais drones, passando por todos os aviões da II Grande Guerra e das grandes batalhas aéreas.

O Eng^o José Sardinha presenteou o Museu do Combatente com mais 2 aviões que construiu recentemente: O 14 BIS, representando o primeiro avião de Santos Dummond que voou em 1906 e o Bleriot XI, representando o primeiro avião que atravessou o canal da mancha entre Calais e Dover, em 1909, pilotado por Louis Bleriot.

Aberto todos os dias, incluindo fins de semana e feriados.

Das 10H00 às 18H00
Contacto: 919 903 210

Bilhetes:

4€ (adultos)

3€ (crianças a partir dos 5 anos, reformados e grupos)

grátis (para sócios da Liga dos Combatentes)



GRANDE GUERRA (WWI) 1914—1918

De La Lys ao Armistício

(9 DE ABRIL) (11 DE NOVEMBRO)

EXPOSIÇÃO / EXHIBITION



Uma parceria com

WIDEX[®]
CENTROS AUDITIVOS



CONTE CONNOSCO PARA MELHORAR A SUA AUDIÇÃO.

Sabemos como é desagradável sentir-se posto de parte quando não se consegue ouvir bem. Se quer voltar a ouvir o mundo tal como se recorda dele, talvez esteja na altura de falar com a Widex. Juntos, vamos encontrar uma **SOLUÇÃO AUDITIVA** que se adequa ao seu estilo de vida. Queremos que recupere a alegria no seu dia-a-dia, seja com a sua família, no trabalho ou prazeres tão simples como ouvir o canto dos pássaros.

Chiuuuuu...prometemos que ninguém vai perceber! Hoje já é possível usar aparelhos de forma discreta. Os aparelhos auditivos evoluíram muito nos últimos anos com a introdução da tecnologia digital. Os aparelhos grandes e antigos foram substituídos por modelos que **são mais simples, muito pequenos e extremamente inteligentes.**

A Widex estabeleceu uma parceria com a Liga dos Combatentes para lhe facilitar o acesso à saúde auditiva.

1^ª Consulta Grátis

30 ANOS EM PORTUGAL
A PAR DA SUA
AUDIÇÃO



DESCONTO
20%
NA COMPRA
DE APARELHOS
AUDITIVOS

OFERTA
Pilhas Grátis 5 anos
+ Seguro 4 anos*

* Oferta de serviços varia consoante o modelo dos aparelhos auditivos.

Nº verde gratuito

800 200 343

www.widex.pt

Campanha não acumulável com outras campanhas, acordos e protocolos em vigor.

Almada | Alvor | Amora | Angra do Heroísmo | Aveiro | Braga | Caldas da Rainha | Campo Maior | Cascais | Castelo Branco | Coimbra | Covilhã | Évora | Faial | Faro | Funchal | Guarda | Guimarães | Leiria | Lisboa Av. 5 Outubro | Lisboa C.C. Colombo | Loulé | Oeiras | Ourém | Pico | Ponta Delgada | Portalegre | Porto | Santarém | Setúbal | Sines Tavira | Tomar | Torres Vedras | Vendas Novas | Viana do Castelo | Vila Nova de Gaia | Viseu.

OS PENALVENSES NA FLANDRES Evocação do 1º Centenário da Grande Guerra

Autor: Manuel de Campos Almeida

Capa: "Rendição nas trincheiras da Flandres", Museu Militar de Lisboa

Editora: Edições Esgotadas, Lda

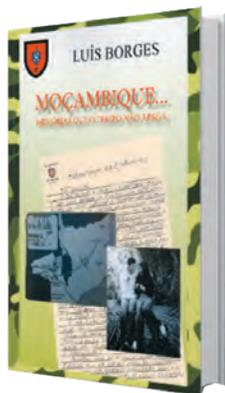
1ª Edição: Outubro 2017



Livro:

Neste ano de 2018, evocam-se os 100 anos da chegada à Flandres dos primeiros portugueses que tomaram parte na Grande Guerra. É, pois, a oportunidade para recordar e homenagear os Penalvenses, nossos antepassados, que tomaram parte nessa expedição. Esses homens deixaram as suas terras, famílias e afectos e partiram, porque assim lhes foi ordenado. Meteram-nos num navio, sem eles saberem para onde iam, colocaram-nos diante dos "boches", sem compreenderem bem por que se batiam, e passaram meses atascados em lama, enregelados pela neve, encolhidos e entaipados nas trincheiras, enquanto as granadas inimigas lhes estoiravam em redor. Esta obra é uma homenagem aos nossos avós, bisavós ou trisavós, enviados para a Flandres em 1917, para um conflito que não lhes dizia respeito. Decisão que dividiu profundamente os políticos, os militares e as elites portuguesas de então, entre "guerristas" e "antiguerristas". Na evocação do centenário da Grande Guerra, este é um contributo para homenagear os nossos conterrâneos que foram arrancados às suas tarefas diárias, deixaram as suas terras, famílias e afetos e partiram, porque assim lhes foi ordenado. Porque nunca é demais lembrar que, tal como com eles aconteceu, "os militares não vão para a guerra, eles são mandados para a guerra".

Manuel de Campos Almeida



MOÇAMBIQUE

Memórias que o tempo não apaga...

Autor: Luís Rodrigues Teixeira Borges

Edição, Impressão Paginação e

Acabamentos: Centro de Audiovisuais do Exército (CAVE)

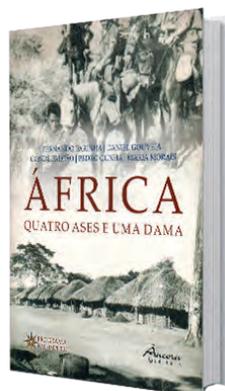
Capa: Carlos Bartolomeu

1ª Edição: março 2018

Livro:

«O autor com esta obra pretende mostrar às camadas mais jovens, como na primeira metade do séc XX e após a 2ª Guerra Mundial a vida era dura e muito difícil nas zonas rurais de Trás-os-Montes, facto que levou muitos portugueses a considerarem África como a «terra prometida»

À venda na Liga dos Combatentes pelo valor de 17,00€ + Portes de envio



ÁFRICA

Quatro Ases e uma Dama

Autores:

Fernando Farinha / Ás de Espadas

Daniel Gouveia / Ás de Ouros

Conde Falcão / Ás de Paus

Pedro Cunha / Ás de Copas

Maria Morais / Dama de Copas

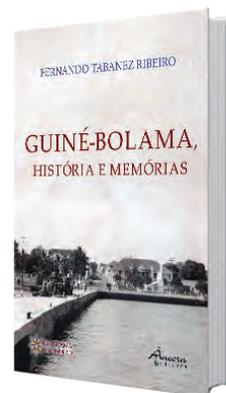
Capa: Sofia Travassos | Âncora Editora

1ª Edição: setembro 2017

Direitos Reservados: Âncora Editora e Programa Fim do Império | Núcleo de Oeiras/Cascais da Liga dos Combatentes

Apoios: Câmara Municipal de Oeiras, Liga dos Combatentes, Comissão Portuguesa de História Militar Programa Fim do Império e Âncora Editora

À venda na Liga dos Combatentes pelo valor de 15,00€ + Portes de envio



GUINÉ-BOLAMA

Histórias e Memórias

Autor: Fernando Tabanez Ribeiro

Capa: Sofia Travassos | Âncora Editora

1ª Edição: fevereiro 2018

Direitos Reservados: Âncora Editora

Livro:

«Considero muitíssimo interessante e em conformidade com o que se acaba de dizer, a abordagem histórica feita sobre a escravatura na área do Golfo da Guiné...»

[...]
Igualmente interessantes são as abordagens históricas das cidades fortificadas e da Liga Guineense, a «Pacificação» de Teixeira Pinto ou a do desenvolvimento da África Ocidental Francesa em contraponto com o da Guiné Portuguesa.

À venda na Liga dos Combatentes pelo valor de 15,00€ + Portes de envio

CAMPANHA MOBILIDADE ESPECIAL SENIORES GRANDE OPORTUNIDADE



Stannah

"Aproveite esta campanha especial nas soluções de mobilidade Stannah para assinantes O Combatente. Você merece ser feliz, merece viver sem dificuldades!"

SCOOTERS DE MOBILIDADE

Recuperar a sua vida agora custa muito menos!

As scooters de mobilidade elétricas trazem um nova liberdade e independência. Agora, sempre que quiser, pode ir às compras, ao café, passear e visitar os seus familiares ou amigos. Circulam em passeios.



Desmontável



Dobrável



Equilibrada e compacta



POUPE ATÉ
-500€
+ oferta

EXCLUSIVO
Assinantes
O Combatente

ELEVADORES DE ESCADAS

Os simples, seguros e modernos elevadores de escadas são a sua oportunidade de desfrutar do seu lar novamente!



- ~ Muito fácil de utilizar
- ~ Elimina o risco de queda nas escadas
- ~ Suba e desça as escadas sem qualquer esforço
- ~ Funciona em caso de falha de energia



POUPE ATÉ
-1000€
+ oferta

EXCLUSIVO
Assinantes
O Combatente

Stannah instala num dia!

POUPE
-300€
+ oferta

EXCLUSIVO
Assinantes
O Combatente



✗ ANTES

AQUALUXE Cabine de duche

Adaptada à medida do espaço da sua antiga banheira, com moldura cromada, painéis em vidro temperado e revestimento em pedra branca, para combinar com a decoração da sua casa de banho. Limiar de acesso muito baixo, base antiderrapante, barra de apoio, cadeira ortopédica... Tudo isto faz do AQUALUXE a solução mais segura, funcional e elegante!

✓ DEPOIS

Instalação em 2 dias!



OFERTA
TV FHD led 22"

EXCLUSIVO ASSINANTES O COMBATENTE

Campanha válida até 31 de março de 2018, sem efeitos retroativos.
Campanha válida para compras a pronto-pagamento.
Ofertas limitadas ao stock existente. Imagens meramente ilustrativas.



Receba o Guia de Soluções de Mobilidade em casa, gratuitamente!

tel: **808 918 388**

Custo de chamada local

EXCLUSIVO ASSINANTES O COMBATENTE



sangue
suor e lágrimas
amor de mãe



Alcoutim - Monumento aos Combatentes do Ultramar